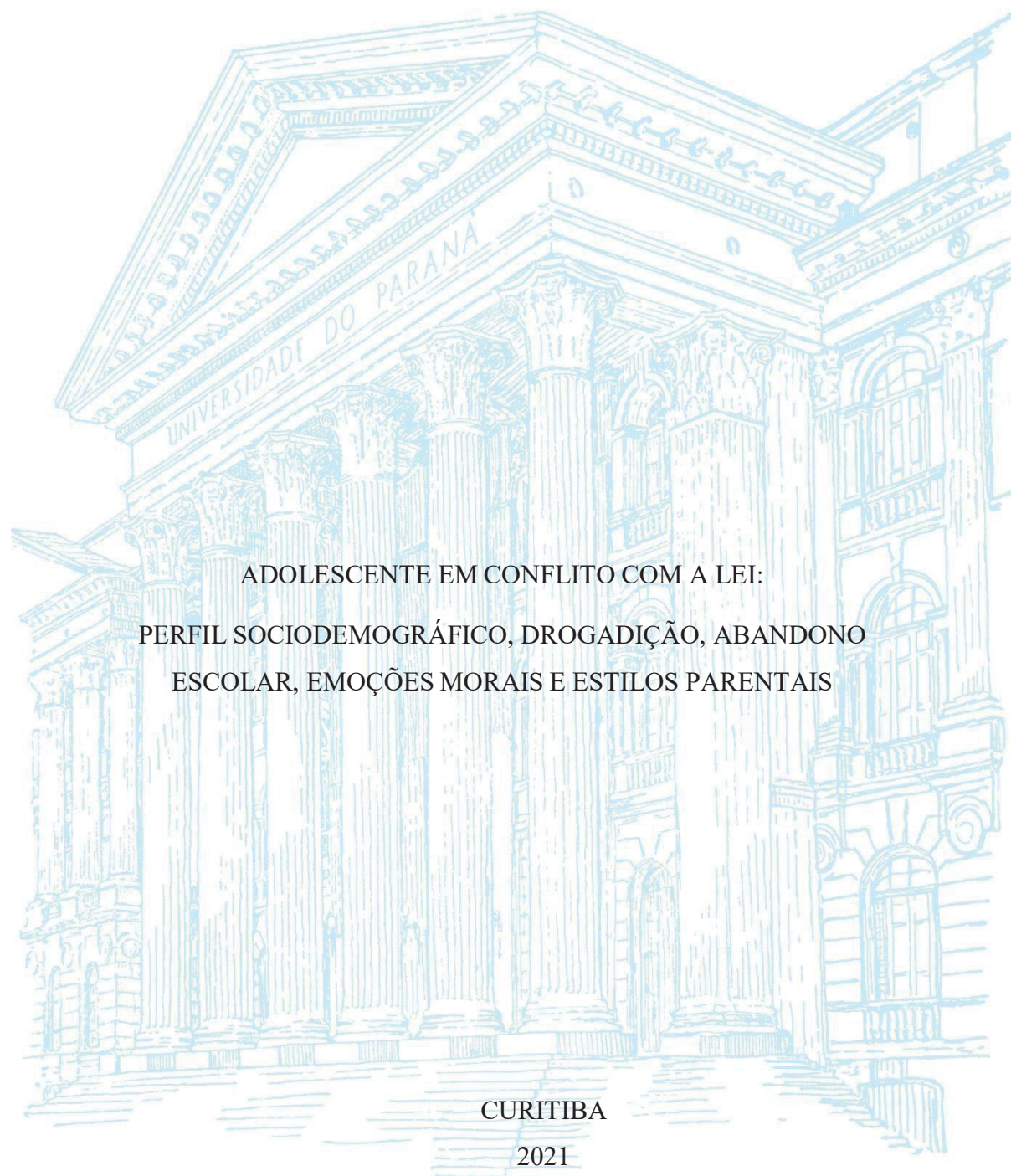


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LORENA MARIA LASKOSKI



ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI:
PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO, DROGADIÇÃO, ABANDONO
ESCOLAR, EMOÇÕES MORAIS E ESTILOS PARENTAIS

CURITIBA

2021

LORENA MARIA LASKOSKI

ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI:
PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO, DROGADIÇÃO, ABANDONO
ESCOLAR, EMOÇÕES MORAIS E ESTILOS PARENTAIS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Saúde da Criança e do Adolescente, área de concentração em Promoção da Saúde da Criança e do Adolescente, área específica: Psiquiatria da Infância e Adolescência.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Manoel Schier Dória
Co-Orientadora: Profa. Dra. Maria Nilvane Fernandes

CURITIBA

2021

L345 Laskoski, Lorena Maria

Adolescente em conflito com a lei: perfil sociodemográfico, drogadição, abandono escolar, emoções morais e estilos parentais [recurso eletrônico] / Lorena Maria Laskoski . – Curitiba, 2022.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente. Setor de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Manoel Schier Dória

Coorientadora: Prof^a. Dr^a Maria Nilvane Fernandes

1. Comportamento do adolescente. 2. Adolescente – Uso de drogas. 3. Evasão escolar. I. Dória, Gustavo Manoel Schier. II. Fernandes, Maria Nilvane. III. Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente. Setor de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Paraná. IV. Título.

NLM: WS 462.5.E9



TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **LORENA MARIA LASKOSKI** intitulada: **ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI: PERFIL SOCIDEMOGRÁFICO, DROGADIÇÃO, ABANDONO ESCOLAR, EMOÇÕES MORAIS E ESTILOS PARENTAIS**, sob orientação do Prof. Dr. GUSTAVO MANOEL SCHIER DÓRIA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 28 de Maio de 2021.

Assinatura Eletrônica

30/05/2021 20:03:54.0

GUSTAVO MANOEL SCHIER DÓRIA
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

15/06/2021 19:04:01.0

SUZANE SCHMIDLIN LOHR
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

28/05/2021 15:38:49.0

SUZETE TEREZINHA OZECHOWSKI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE)

Assinatura Eletrônica

31/05/2021 14:53:14.0

PAOLA VARGAS BARBOSA
Avaliador Externo (CENTRO UNIVERSITARIO CESUCA)

Dedico este trabalho aos meninos e meninas que compartilharam comigo suas histórias de vida e proporcionaram essa reflexão tão importante.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Professor Dr. Gustavo Manoel Schier Dória, por acreditar na pesquisa, pelo acompanhamento e orientação. À minha co-orientadora, Prof. Dra. Maria Nilvane Fernandes, pela dedicação, ensinamentos e reflexões.

Ao Curso de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, do Setor de Ciências da Saúde, da Universidade Federal do Paraná, em especial à professora Dra. Mônica Nunes Lima, pelas aulas de metodologia e bioestatística e pelo apoio e reflexão no delineamento da pesquisa; e também à Dra. Vânia Oliveira de Carvalho coordenadora do Programa, pelo apoio, orientações e acolhimento na etapa final da pesquisa.

Aos Professores Dr. Sergio Antonio Antoniuk, Dra. Suzete Terezinha Ozechowski, Dra. Suzana Nesi França, Dra. Suzane Schmidlin Lohr, Dra. Paola Vargas Barbosa e à colega Me. Mariana Muzzolon pelas contribuições e sugestões durante à banca qualificação do trabalho e /ou na defesa da Tese.

À Secretaria de Justiça do Estado do Paraná, na figura do senhor Pedro Ribeiro Giamberardino, Diretor do Departamento de Atendimento Socioeducativo. Também aos Centros de Sócioeducação do Paraná, em especial aos queridos Fábio, Mara, Iracema, Luciano, e tantos outros gestores, técnicos e Agentes Socioeducativos que contribuíram em cada uma das muitas coletas de dados ou Termos de Consentimento dos Pais, me apoiando e relatando um pouco do seu dia a dia.

À Universidade Federal do Paraná, pela qual tenho grande honra por ter feito minha faculdade e agora doutorado. Agradeço a todos os professores e funcionários que colaboraram para minha formação. Nessa Instituição conheci grandes pessoas que levarei para vida toda. Em especial as queridas Fernanda e Bárbara, que deixaram muitos momentos mais leves e ajudaram a “recarregar as energias”.

Aos(Às) queridos(as) amigos(as) que, mesmos distantes por causa da pandemia nessa reta final, se mostraram muito presentes nesse momento, transmitindo amor e compressão: Paulo, Dani, Ander, Paola, Marcella, Marly, Kassia, Marília, André e Jean.

À minha mãe, irmãs, cunhados e sobrinhos, por entenderem as minhas ausências, mas sempre me dedicando amor, dedicação, esforços e por compartilharem a experiência de Orgulho Autêntico neste momento.

A Ele ou Ela, que sempre cuida de mim e que prepara o melhor na minha vida...

RESUMO

Adolescente em conflito com a lei é tema bastante discutido em diversas pesquisas no mundo. Além disso, é bastante debatido na mídia, principalmente pelo alto índice de atos infracionais cometidos por esses jovens, e em alguns casos, pela gravidade desses atos. Além das infrações, esses adolescentes apresentam grandes taxas de abandono escolar e uso de drogas. Há vários fatores de risco ligados a comportamento inadequados, tais como pouco apoio social, ser oriundo de classes sociais menos favorecidas, de famílias mais numerosas, educação recebida por seus pais. Os estilos parentais é a maneira como os pais educam seus filhos, e possuem dois fatores: exigência e responsividade. A maneira como os pais educam seus filhos podem estar relacionadas com a prática de comportamentos inadequados, tais como os atos infracionais. Há também correlações entre os estilos parentais e as emoções morais ou emoções autoconscientes. As emoções morais, como vergonha, orgulho e culpa, contribuem no controle de comportamentos não aceitos socialmente. A Tese está organizada em quatro artigos, os quais tiveram como objetivos: 1) analisar o perfil do adolescente em conflito com a lei; 2) conhecer as motivações que os levaram a abandonar a escola; 3) distinguir entre os dois grupos a maneira como os adolescentes experienciam as emoções orgulho, vergonha e culpa; 4) verificar as possíveis correlações entre as emoções morais com os estilos parentais, diferenciando entre os dois grupos. Participaram do estudo 462 estudantes brasileiros, divididos em grupo de estudo, sendo eles 219 do grupo de adolescentes em conflito com a lei (36 do sexo feminino), e 243 do grupo de adolescentes não infratores (grupo comparação) sendo 45 do sexo feminino. Todos responderam um questionário contendo questões sociodemográficas, escalas de estilos parentais percebidos e de emoções morais. O primeiro artigo verificou diferenças significativas no grupo dos adolescentes em conflito com a lei, sendo que nesse grupo foram encontradas: precocidade de o primeiro uso de drogas, maior quantidade de drogas já usadas, baixa escolaridade dos pais, família mais numerosa, maior quantidade de pais biológicos separados, ocasionando assim mais recasamentos ou famílias monoparentais. O segundo artigo verificou os motivos de os adolescentes em conflito com a lei terem abandonado a escola, que em grande parte ocorreu, para os meninos durante os sextos e sétimos anos, e para as meninas entre o sétimo e oitavos anos do Ensino Fundamental. Houve os relatos dos seguintes motivos: o “crime”, amizades ou más companhias e dificuldades de aprendizagem. O terceiro artigo encontrou que os adolescentes que cometeram atos infracionais apresentaram médias mais altas no Fator Arrependimento da Culpa e também nas duas dimensões de Orgulho: Autêntico e Arrogante. O quarto artigo verificou que a dimensão exigência foi maior no grupo de adolescentes que não haviam praticado atos infracionais, tanto para pai quanto para mãe. Além disso, o estilo parental percebido mais presente entre os adolescentes do sexo masculino que cometeram atos infracionais foi o negligente. O estudo também encontrou correlação significativa e negativa entre o fator Arrependimento de Culpa e o Orgulho Autêntico com o estilo negligente para os meninos do grupo de estudos. Não foram encontradas diferenças significativas de vergonha entre os grupos. Os resultados detalham fatores de risco que estão ligados a comportamentos inadequados e que podem ser usados tanto para prevenir quanto diminuir a reincidência do ato infracional.

Palavras-Chave: adolescente em conflito com a lei, perfil sociodemográfico, emoções morais, estilos parentais.

ABSTRACT

Adolescents in conflict with the law is a subject widely discussed in several researches around the world. In addition, it is widely debated in the media, mainly because of the high rate of infractions committed by these young people, and in some cases, because of the gravity of these acts. Besides the infractions, these adolescents present high rates of school dropout and drug use. There are several risk factors linked to inadequate behavior, such as little social support, coming from less favored social classes, from larger families, education received by their parents. Parental styles are the way parents educate their children, and have two factors: demand and responsiveness. The way parents educate their children can be related to the practice of inappropriate behaviors, such as acts of infraction. There are also correlations between parental styles and moral emotions or self-conscious emotions. Moral emotions such as shame, pride, and guilt contribute to the control of socially unacceptable behavior. The Thesis is organized in four articles, which had as objectives: 1) to analyze the profile of the adolescents in conflict with the law; 2) to know the motivations that led them to abandon school; 3) to distinguish between the two groups the way the adolescents experience the emotions pride, shame, and guilt; 4) to verify the possible correlations between moral emotions and parental styles, differentiating between the two groups. A total of 462 Brazilian students participated in the study, divided in study groups: 219 from the group of adolescents in conflict with the law (36 female), and 243 from the group of non-infringing adolescents (comparison group), 45 of whom were female. All of them answered a questionnaire containing sociodemographic questions, scales of perceived parenting styles and moral emotions. The first article verified significant differences in the group of adolescents in conflict with the law, and in this group were found: precocity of the first use of drugs, higher amount of drugs already used, low education of parents, larger family, higher amount of separated biological parents, thus causing more remarriages or single parent families. The second article verified the reasons why adolescents in conflict with the law dropped out of school, which mostly occurred for boys during the sixth and seventh grades, and for girls between the seventh and eighth grades of elementary school. The following reasons were reported: "crime," friendships or bad company, and learning difficulties. The third article found that adolescents who committed infractions presented higher averages in the Guilt Regret Factor and also in the two dimensions of Pride: Authentic and Arrogant. The fourth article verified that the Demanding dimension was higher in the group of adolescents who had not committed infractions, for both father and mother. In addition, the perceived parenting style most present among male adolescents who had committed infractions was the neglectful one. The study also found significant and negative correlation between the factor Guilt Regret and Authentic Pride with the negligent style for the boys in the study group. No significant differences in shame were found between the groups. The results detail risk factors that are linked to inappropriate behaviors and that can be used both to prevent and diminish the reoccurrence of the infraction act.

Keywords: adolescent in conflict with the law; sociodemographic profile; moral emotions; parental styles.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.2 OBJETIVO	9
1.2.1 Objetivo Geral	9
1.2.2 Objetivos específicos.....	9
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	10
2. 1 Perfil do adolescente em conflito com	10
2. 2 Perfil educacional do adolescente em conflito com a lei.....	14
2.3 Saúde mental, emoções e comportamentos morais	15
2. 3 Família: relações com o desenvolvimento emocional e comportamental de adolescentes	19
3 MÉTODOS	25
3.1 Tipo de Pesquisa.....	25
3.2 Local e período do estudo	25
3.3 Critérios de inclusão e exclusão	25
3.3.1 Critérios de inclusão de estudo.....	25
3.3.2 Critérios de inclusão dos adolescentes do grupo comparação.....	26
3.3.3 Critérios de exclusão para ambos os grupos.....	26
3.4 EXCLUSÃO.....	26
3.5 CASUÍSTICA	26
3.6 POPULAÇÃO DE ESTUDO	26
3.6.1 Adolescentes em conflito com a lei (grupo de estudo).....	26
3.6.2 Adolescentes não Infratores (grupo comparação)	26
3.7 AMOSTRA E TÉCNICA DE AMOSTRAGEM	27
3.7.1 Grupo de estudo.....	27
3.7.2 Grupo comparação	27
3.8 HIPÓTESES DE ESTUDO	27
3.9 PROCEDIMENTOS	28
3.9.1 Procedimentos: grupo de estudo.....	28
3.9.2 Procedimentos grupo comparação.....	28
3.9.3 Ética em pesquisa	29
3.9.3 Monitorização da pesquisa	29
3.9.4 Caracterização do Estudo	30

3.9.5 Instrumentos utilizados.....	30
3.9.6 Tabulação e gerenciamento de dados	30
3.9.7 Análise dos dados	30
3.10 Fomento para a pesquisa, profissionais e instituições envolvidas	30
4 ARTIGO	32
4. 1 Parenting Styles and Moral Emotions of Adolescents in Conflict with the Law	33
5 CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES	51
REFERÊNCIAS	54
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pais ou responsáveis	61
Apêndice B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para o(a) adolescente.....	64
Apêndice C - Questionário Sociodemográfico	65
Anexo A- Escala de Responsividade e Exigência Parental.....	66
Anexo B- Escala de Vergonha.....	67
Anexo C - Escala de Culpa.....	68
Anexo D - Escala Bidimensional de Orgulho	69
Anexo E - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa.....	71
Anexo F - Parecer da Secretaria de Estado de Educação	71
Anexo G - Parecer da Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos.....	78
Produção Acadêmica 1 - Pôster apresentado no evento World Congress on Brain, Behavior and Emotions 2017.....	80
Produção Acadêmica 2 - Pôster apresentado no evento World Congress on Brain, Behavior and Emotions 2017.....	81
Produção Acadêmica 3 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento 2018.....	82

1 INTRODUÇÃO

Adolescente em conflito com a lei é tema muito presente tanto na mídia, quanto na literatura científica. A preocupação com o tema ganhou força desde a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990, quando crianças e adolescentes passaram a ser vistas como indivíduos que devem receber atenção prioritária e acesso garantido aos serviços básicos do país. Até a data do Estatuto da Criança e do Adolescente ser sancionada, vigorava para esse quesito o Código de Menores, o qual tinha como foco apenas a criança e o adolescente em situação irregular, e tal código tinha como objetivo regular medidas judiciais e não protetivas (BRASIL, 1979).

Aos adolescentes em conflito com a lei cabem medidas socioeducativas visando à reeducação dos jovens. O Levantamento Anual do SINASE de 2017 (2019) mostram um total de 26.109 adolescentes atendidos, sendo 68,2% em medida de internação, 8,3% em regime de semiliberdade e 18,5% em internação provisória. O Levantamento ainda verificou que 3,6% adolescentes/jovens encontravam-se em atendimento inicial, 1,2% em internação sanção e 0,2% em medida protetiva.

Almeida (2013) realizou um levantamento entre os anos de 1996 e 2010 e verificou que a proporção de adolescentes internados subiu de dois a cada 10 mil em 1996, para 8,6 a cada 10 mil em 2010. A autora acredita que esse aumento é decorrente da maior frequência da aplicação dessa medida socioeducativa e não da maior quantidade de adolescentes na população.

Segundo o Ministério Público (2002), há um crescimento entre a variável idade e a frequência de ações infracionais. Isso pode ser verificado também pelos dados fornecidos pelo CNJ (2012) em que se observa que a faixa etária com maior número de adolescentes infratores é de 16 a 18 anos (80% da amostra). Ainda segundo esses dados, 73% dos adolescentes não tinham completado o Ensino Fundamental, ou seja, apresentavam defasagem idade-série.

Dentre os fatores relacionados à prática de comportamentos aceitos ou não socialmente discute-se a maneira que são experienciadas as emoções morais, pois, emoções como vergonha, culpa, respeito, gratidão, perdão, orgulho motivam a adesão a normas sociais e padrões pessoais (ELSE-QUEST *et al.*, 2012, TANGNEY, STUEWIG; MASHEK, 2011; TRACY, TANGNEY, 2011). Por necessitarem de autorreflexão e autoavaliação, são denominadas de emoções autoconscientes e estão relacionadas para facilitar a manutenção de normas sociais e padrões pessoais (DAVIDSON *et al.*, 2018).

Das emoções morais conhecidas, destaca-se vergonha, culpa e orgulho, as quais atuam como reguladoras de comportamentos sociais adequados (TRACY; TANGNEY, 2011). Essas emoções possuem relação com a maneira como os adolescentes percebem a educação de seus pais, ou seja, aos estilos parentais (LASKOSKI, 2012).

Os estilos parentais foram estudados originalmente por Baumrind em 1967. Essa autora verificou padrões diferentes na maneira de educar os filhos e como esses afetam o desenvolvimento de crianças e adolescentes. Esses padrões possuem fatores ligados aos aspectos emocionais e de controle. Já em 1983, Maccoby e Martin, continuaram os estudos de Baumrind, e definiram os estilos parentais em duas dimensões: exigência e reponsividade, chegando assim aos atuais estilos conhecidos: autoritativo, autoritário, negligente e indulgente.

Laskoski (2012) verificou a relação entre estilos parentais e emoções morais, em uma mostra de 263 estudantes de Ensino médio, de classe média (estudantes de escolas particulares), de três estados brasileiros. Nesse estudo verificou-se que o orgulho autêntico foi associado à dimensão de responsividade. Os adolescentes que percebiam seus pais como sendo autoritários apresentaram também maiores médias de vergonha. Por fim, o estilo autoritativo se correlacionou com o fator de Culpa Reconhecimento do Erro.

Assim, esta pesquisa objetivou conhecer como as emoções morais são experienciadas por adolescentes que cometeram atos infracionais e estão cumprindo medida socioeducativa com adolescentes oriundos de escolas públicas e de periferia, além de verificar as possíveis correlações entre as emoções com os estilos parentais. Por fim, analisou-se o perfil do adolescente em conflito com a lei, dados sociodemográficos, idade de o primeiro uso de drogas além de quais drogas já experimentadas, e também as causas do abandono escolar (a partir da perspectiva do adolescente em conflito com a lei).

1.2 OBJETIVO

1.2.1 Objetivo Geral

Verificar relações entre estilos parentais com emoções morais (orgulho, vergonha, culpa) por adolescentes em conflito com a lei.

1.2.2 Objetivos específicos

- 1) discorrer sobre o perfil do adolescente que cometeu ato infracional e que está cumprindo medida socioeducativa de internação;
- 2) conhecer os motivos que levaram o adolescente em conflito com a lei a abandonar a escola, bem como conhecer suas percepções sobre o que precisa ser mudado nessa instituição;
- 3) distinguir os níveis de emoções morais experienciadas pelos adolescentes em conflito com a lei e grupo comparação;
- 4) verificar as relações entre emoções morais e estilos parentais percebidos em adolescentes em conflito com a lei e grupo comparação;

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Perfil do adolescente em conflito com a lei

O Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) instituído pela Lei número 12.594/2012, tem como objetivo regulamentar a execução das medidas destinadas a adolescente que pratica ato infracional. O SINASE também tem como objetivo compilar informações estatísticas de todos os estabelecimentos socioeducativos do Brasil, como um instrumento estratégico para a gestão socioeducativa alinhada aos tramites da política pública. Em relação à faixa etária, tem-se o seguinte perfil a nível nacional e também por estados:

Figura 2 - Faixa Etária do Adolescente do Sistema Socioeducativo nas UFs / 2017

UF	12 a 13 anos			14 a 15 anos			16 a 17 anos			18 a 21 anos			TOTAL
	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	
AC	6	5	11	114	30	144	375	52	427	300	10	310	892
AL	2	1	3	22	3	25	112	3	115	91	1	92	235
AM	1	0	1	20	1	21	122	5	127	21	2	23	172
AP	0	0	0	17	2	19	20	3	23	53	7	60	102
BA	3	1	4	67	11	78	351	15	366	249	0	249	697
CE	22	1	23	132	10	142	595	26	621	251	1	252	1038
DF	10	0	10	186	7	193	437	29	466	157	9	166	835
ES	16	0	16	35	0	35	492	19	511	21	1	22	584
GO	4	1	5	55	9	64	233	16	249	66	6	72	390
MA	0	0	0	22	0	22	132	1	133	162	0	162	317
MG	26	3	29	90	7	97	364	7	371	534	0	534	1031
MS	1	0	1	38	4	42	157	11	168	67	4	71	282
MT	0	2	2	5	0	5	75	4	79	22	0	22	108
PA	7	0	7	68	3	71	304	8	312	71	0	71	461
PB	3	2	5	58	12	70	271	6	277	185	0	185	537
PE	78	3	81	158	10	168	575	40	615	518	15	533	1397
PI	4	0	4	20	0	20	100	4	104	115	15	130	258
PR	10	0	10	168	11	179	555	27	582	131	20	151	922
RJ	26	3	29	90	7	97	364	7	371	534	0	534	1031
RN	6	0	6	85	5	90	336	12	348	79	8	87	531
RO	8	0	8	79	1	80	184	1	185	49	6	55	328
RR	15	0	15	30	0	30	37	1	38	15	1	16	99
RS	5	0	5	116	11	127	678	17	695	518	9	527	1354
SC	3	0	3	96	0	96	170	2	172	118	6	124	395
SE	0	0	0	12	3	15	76	3	79	164	8	172	266
SP	99	7	106	919	57	976	5167	188	5355	2034	68	2102	8539
TO	2	2	4	24	1	25	68	0	68	45	0	45	142
TOTAL	357	31	388	2726	205	2931	12350	507	12857	6570	197	6767	22943

Fonte: Levantamento anual do SINASE 2017, página 38.

Em relação à quantidade de atos infracionais cometidos por adolescentes atendidos pela medida de internação que estavam inseridos no sistema socioeducativo na data de referência foi de 16.433 sendo que havia nesta data 17.811 adolescentes atendidos. Os cinco atos infracionais de maior incidência cometidos pelos adolescentes foram: roubo qualificado (4504), tráfico e associação ao tráfico de drogas (3601), roubo (3045), homicídio (1074), homicídio qualificado (696). Destaca-se que do total de atos praticados (16.433) apresentados apenas 3,8% (628 atos) foram atribuídos a adolescentes/jovens do sexo feminino, os quais destacam-se: tráfico e associação ao tráfico de drogas (163), roubo (95), homicídio qualificado (42).

A Figura 2 demonstra que a região sul tinha o quantitativo de 1.327 adolescentes brancos, negros (389) e de pardos (792). Nessa figura ainda é possível verificar os dados sobre raça dos adolescentes no sistema socioeducativo, separados pelas regiões brasileiras.

Figura 2 - Raça/Etnia do Adolescente do Sistema Socioeducativo / 2017



Fonte: Levantamento anual do SINASE 2017, página 40.

Diversos pesquisadores buscaram entender as razões que levam os adolescentes a cometerem atos infracionais (ANDRADE; ALVES; BASSANI, 2018, ALMEIDA; 2013; ASSIS; CONSTATINO, 2005; COSTA; ASSIS, 2006; FRANCISCHINI; CAMPOS, 2005; OLIVEIRA; ASSIS, 1999, GALLO; WILLIAMS, 2005, 2008, GUERRA. HENRICH, 2019). Entre as conclusões dos estudos, são unânimes as ressalvas sobre a impossibilidade de estabelecer relações causais diretas entre variáveis relacionadas à infração juvenil (COSTA; ASSIS, 2006).

Ao se discutir as variáveis que estão relacionadas às práticas de atos infracionais, busca-se pensar em um contexto mais amplo, no qual não pode se dissociar da vida do adolescente (GUERRA; HENRICH, 2019). Além disso, ao invés de relações causais diretas entre atos infracionais e outras variáveis, os autores preferem apontar alguns fatores de risco e proteção que interferem na conduta infracional e/ou violenta.

Diferentes estudos já contribuíram para o conhecimento dos fatores de risco e de proteção ligados à prática do ato infracional (GALLO; WILLIAMS, 2005; COSCIONI *et al.*, 2019; JOSÉ, 2019; WILKINSON *et al.*, 2019). Os fatores de proteção são variáveis que enfraquecem as possibilidades de outras interferirem negativamente no desenvolvimento: vínculos familiares

fortes, êxito escolar e alto níveis de autoestima (COSTA; ASSIS, 2006), autonomia e competência emocional (POLETTO; KOLLER, 2008).

Já os fatores de proteção estão relacionados ao aumento da vulnerabilidade social, física e emocional de um sujeito. Assim, tem-se como fatores de risco: eventos de vida negativos como divórcio dos pais, abuso sexual ou físico (POLETTO; KOLLER, 2008), estrutura familiar, baixo nível socioeconômico, residir em um ambiente com criminalidade (ARAÚJO *et al.*, 2019), abandono escolar, abuso e dependência de drogas, incidência de doenças sexualmente transmissíveis, desordens psicológicas e comportamentais, dificuldades diversas no contexto familiar e comunitário (GALLO; WILLIAMS, 2005).

Ao sugerirem uma abordagem a partir de fatores de risco e proteção os autores adotam uma visão global sobre as variáveis contextuais relacionadas ao desenvolvimento saudável (POLETTO; KOLLER, 2008). Sob essa visão ressalta-se que os mesmos fatores de proteção/risco podem não produzir as mesmas respostas comportamentais para todos os indivíduos, tendo-se em vista as relações entre as múltiplas variáveis do cotidiano dos indivíduos (COSTA; ASSIS, 2006).

Um estudo desenvolvido no Reino Unido, por Rennie e Dolan (2010), com o objetivo de conhecer os fatores de risco e de proteção, presentes na vida de adolescentes que cometeram atos infracionais, avaliou 135 adolescentes, com o instrumento “Avaliação Estruturada de Risco de Violência na Juventude”. Os resultados dessa pesquisa apontam que os adolescentes que foram apreendidos mais velhos apresentavam menos problemas psicopatológicos.

A diferença entre sexo e prática de atos criminosos varia de acordo com a idade e desenvolvimento maturacional (CAUFFMAN *et al.*, 2017). Os autores Cauffman *et al* (2017) acompanharam ao longo de 7 anos, 172 mulheres e 172 homens com idades de 15 a 24 anos, e verificaram que as mulheres persistem menos na prática de violência do que os homens. Além disso, mulheres que desenvolvem controle de impulsos e estão empregadas têm maior probabilidade de desistir da violência.

Para entender também a diferença entre o sexo e a propensão ao crime foi realizada uma pesquisa com 481 meninas e meninos, com idade entre 16 e 17 anos (IVERT *et al.*, 2018). Foi aplicada uma escala de autocontrole e outra de moralidade. Os autores não encontraram diferenças entre autocontrole entre os sexos, somente diferenças entre valores morais.

Há outro fator de risco comumente associado ao adolescente em conflito com a lei: uso de drogas, e que não atinge somente o adolescente, mas também seus familiares (ANDRADE;

ALVES; BASSANI, 2018). As pesquisas atuais apontam que a droga mais usada pelos adolescentes em conflito com a lei é a maconha (ANDRADE *et al.*, 2018; JOSÉ, 2019).

Nesse grupo específico de adolescentes, o índice é muito alto, sendo que 80% da amostra do estudo realizado por José (2019) informou já ter feito uso de maconha, e desses 12% faziam uso de maconha e cocaína. Resultado semelhante foi encontrado por Andrade *et al.*, (2018) que verificaram o uso de alguma substância psicoativa em uma amostra de 72% dos adolescentes em conflito com a lei, e 68% desse total afirmaram ter feito uso da maconha.

É importante verificar que muitas vezes o uso de drogas está presente também no contexto familiar, como o estudo de PEREIRA *et al* (2016) apontou. Essa pesquisa contou com a participação de 40 adolescentes no Centro Socioeducativo de Divinópolis (MG) encontrou o uso de substâncias está presente também no contexto familiar, ou seja, o uso iniciou no ambiente doméstico.

2.2 Perfil educacional do adolescente em conflito com a lei

O perfil educacional pode ser conhecido a partir do levantamento realizado em 2016, no Paraná, entre as 19 unidades que recebem adolescentes para cumprimento de medida de socioeducativa (SEED, 2016). Foi contatado que dos 575 adolescentes que tinham estudado na escola regular, 326 tinham como a última matrícula o 6º ou 7º anos do Ensino Fundamental (SEED, 2016). Além disso, 71 adolescentes estavam com a última matrícula nos primeiros anos do Ensino Fundamental, dado esse que demonstra ainda mais discrepância na distorção idade-série. Ainda há a informação de 17 adolescentes que encontravam-se matriculados na Fase 1 e 125 na Fase 2 da Educação de Jovens e Adultos (EJA) (SEED, 2016).

Em relação à escola e o adolescente em conflito com a lei, Silvia e Bazon (2015) avaliaram quatro grupos de adolescentes: 15 adolescentes em abandono escolar, 15 estudantes infratores, 15 não infratores e em abandono escolar, e 15 estudantes não infratores, buscando analisar as experiências escolares. Os achados da pesquisa demonstram que os adolescentes com menor “desempenho” e “vínculo escolar” estavam mais vulneráveis a abandonar a escola.

O adolescente em conflito com a lei tem uma trajetória escolar, muitas vezes, repleta de repetências, evasões, distorção idade/série, rotatividade de escolas (BORBA; LOPES; MALFITANO, 2015). Esses fatores de baixo desempenho escolar podem estar relacionados a

características psíquicas do estudante ou a um ambiente, uma vez que alunos que apresentam médio ou alto desempenho escolar possuem mais fatores de proteção, quando comparados com estudantes com baixo desempenho (ACHKAR *et al.*, 2017). Os autores ressaltam ainda que o apoio social, seja da família ou qualquer membro da sua comunidade, é um fator de proteção aos estudantes que possuem baixo desempenho escolar.

Pozzobon, Mahendra e Marin (2017) realizaram uma pesquisa no Rio Grande do Sul, com alunos, pais e professores, para entender os significados atribuídos por eles para o fracasso escolar. Houve diferença nas percepções, sendo que pais e alunos responsabilizam o próprio aluno pela reprovação. Já os profissionais da educação analisam o problema por uma lógica de multicausalidade (indivíduo, família, escola e sociedade). Além disso, a pesquisa verificou que o significado do fracasso escolar pode interferir a autoestima, autoconfiança e motivação dos adolescentes, uma vez que está relacionado à decepção, rejeição e desvalia, podendo inclusive gerar a falta de prazer em estudar.

2.3 Saúde mental, emoções e comportamentos morais

As emoções autoconscientes de culpa, vergonha, orgulho e constrangimento são emoções morais, que motivam a adesão às normas sociais e padrões pessoais e surgem na primeira infância após o desenvolvimento da autoconsciência (ELSE-QUEST *et al.*, 2012). Especificamente culpa, vergonha e orgulho geralmente ocorrem quando as pessoas avaliam a si mesmas através dos olhos de outra pessoa (MURIS; MEEESTERS, 2014).

Silva (2017) define que a maneira como são expressas e experienciadas as emoções pelo indivíduo é denominada de regulação emocional. A autora defende que, apesar da maior parte dos estudos buscarem a correlação com patologias, essa regulação também influencia para o funcionamento positivo. Em relação às emoções morais e psicopatologias, Candea (2018) verificou que a vergonha esta fortemente associada à ansiedade social, uma vez que é uma emoção que possui relação com a avaliação que o outro faz de si.

Um estudo transversal buscou examinar as emoções de vergonha, culpa e orgulho (autêntico e arrogante) em 2.611 participantes com idades entre 13 aos 89 anos (ORTH; ROBINS; SOTO, 2010). Os autores verificaram que a vergonha diminuiu da adolescência até a idade adulta média, e que por volta dos 50 anos atingiu um ponto mais baixo, mas na velhice voltou a aumentar. Já a culpa aumentou da adolescência até a velhice, atingindo seu ápice

próximo aos 70 anos. O orgulho autêntico aumentou da adolescência para a velhice, enquanto o orgulho arrogante diminuiu da adolescência para a idade adulta média, atingindo um mínimo por volta dos 65 anos, e então aumentou na velhice. Em média, as mulheres relataram sentir mais vergonha e culpa. Ao longo da vida, a vergonha e o orgulho arrogante tendiam a estar negativamente relacionados ao bem-estar psicológico. Os autores concluem que com o amadurecimento as pessoas vivenciam mais emoções autoconscientes, que também são psicologicamente adaptativas, como culpa e orgulho autêntico. Além de experimentar menos orgulho arrogante e vergonha que são emoções psicologicamente inadequadas.

Culpa e vergonha também foram relacionadas com traços de personalidade e sintomas de transtornos de ansiedade em jovens não clínicos (MURIS *et al.*, 2018). Os autores avaliaram 118 adolescentes com idades entre 12-15 anos. Os participantes responderam a uma escala para avaliar vergonha e culpa (BSGQ-C) e itens do Autorrelato da Juventude (YSR), questionário dos cinco grandes fatores da personalidade e a medida de ansiedade dos jovens para o DSM-5. O estudo encontrou que a vergonha se associou a vários sintomas de transtornos de ansiedade e também positivamente com neuroticismo e negativamente com extroversão. Já a culpa não mostrou associações significativas com os sintomas de transtornos de ansiedade, uma vez que controlou a influência da vergonha, e as ligações com traços de personalidade não foram conclusivas.

Com o objetivo de verificar se depressão pré-escolar estaria associada exclusivamente a níveis mais elevados de vergonha e culpa mal-adaptativa, foi realizada uma pesquisa com 305 crianças com três anos de idade (LUBY *et al.*, 2009). A avaliação foi realizada a partir de uma tarefa de conclusão de história codificada por avaliadores cegos aos sintomas e ao diagnóstico dos sujeitos. Os pais também participaram, preenchendo relatos sobre a experiência de culpa e os comportamentos de reparação de seus filhos. Os autores encontraram altos níveis de vergonha e culpa mal-adaptativa associadas à depressão da amostra, a partir da avaliação dos desenhos das crianças e também dos relatos de seus cuidadores.

Outro dado relevante ligado a moralidade foi encontrado por Visioli *et al* (2018), em relação às questões sociais. Esses autores, com o objetivo de verificar as correlações entre o ato infracional e as habilidades sociais, realizaram uma pesquisa com 52 adolescentes infratores. Os resultados apontam que não há correlação significativa entre as habilidades e o ato infracional, porém a média da amostra demonstrou deficiência em civilidade, assertividade e desenvoltura social, mas que não apresentam papel crucial na delinquência.

A raiva pode ser correlacionada com atos infracionais. Esse resultado foi encontrado por Kelly, Novaco, Cauffman, (2019) que avaliaram adolescentes infratores em três momentos: 48 horas após a chegada à delegacia, no primeiro e no segundo mês depois da apreensão. Os adolescentes responderam a Escala de Raiva de Novaco e a Escala de Depressão. Os pesquisadores concluem que o autorrelato dos jovens de sofrimento emocional, particularmente a raiva, é preditivo de suas infrações violentas e não violentas, sendo que os indivíduos com altos escores de raiva eram mais propensos a ofender durante o período de dois meses, em comparação com aqueles com níveis mais baixos de raiva. Os autores ainda encontraram que houve evidência para a interação de depressão e raiva no início do estudo, prevendo ofensa autorrelatada em apenas um mês.

Para explicar a saúde mental associada à prática de atos ilícitos, Goethals *et al* (2008) acreditam que adultos que cometem crime e que possuem esquizofrenia, podem já ter apresentado problemas de comportamento na infância ou adolescência. Para verificar essa questão, esses pesquisadores utilizaram a *Child Behavior Checklist* para avaliar adolescentes infratores violentos na Holanda e também pacientes psicóticos. Os pesquisadores encontraram diferenças significativas entre agressores psicóticos com transtorno de personalidade, que apresentaram maiores níveis na escala de comportamento delinquentes do que os pacientes não agressores com psicose. O estudo encontrou ainda que quem começou a prática de atos ofensivos mais cedo apresentaram pontuações mais altas em comportamentos de externalização do que os que começaram mais tarde.

Dória *et al* (2015) realizaram uma pesquisa em uma amostra de 69 adolescentes do sexo masculino, com média de idade de 15,5 anos, que estavam cumprindo medida socioeducativa, em regime de internação. 43,4% não haviam terminado o 6º ano e 73,9% não estavam frequentando a escola. A pesquisa foi realizada por meio da entrevista Diagnóstica *Kiddie-Sads* referente ao momento presente e ao histórico de vida (K-SADS-PL), a Versão Brasileira da *Schedule for Affective Disorders and Schizophrenia for School Aged-Children*. Os resultados apontam uma prevalência de transtornos psiquiátricos (81,1%). O transtorno mais prevalente foi o Transtorno de Conduta (59,4%), seguido do Abuso de Substâncias (53,6%), Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (43,5%), Transtorno de Ansiedade (24,6%).

Um estudo longitudinal realizado em Peterborough/Inglaterra encontrou que a grande maioria dos respondentes não avalia cometer violência como algo errado, além de não demonstrarem empatia (TRIVEDI-BATEMAN, 2019). A pesquisa encontrou ainda que

indivíduos que apresentavam menores índices de vergonha e culpa apresentavam também maior probabilidade de cometer atos violentos.

Em uma pesquisa realizada em quatro escolas do País Basco/Espanha, contou com a participação de 351 crianças com idades entre 10 e 14 anos (BARÓN *et al.*, 2018). Os resultados apontam que as crianças que pontuaram menos em comportamento antissocial possuíam forte disposição para a culpa, independentemente de seus níveis de empatia. Já, os grupos que tiveram maiores escores de comportamento antissocial, apresentaram baixos escores de empatia e baixos níveis de culpa.

Morshed *et al* (2018) avaliaram dois grupos de adolescentes que estavam ou não cumprindo medidas socioeducativas em Bangladesh. Os adolescentes responderam a Avaliação do Desenvolvimento e Bem-Estar (DAWBA), e o diagnóstico foi estabelecido após pontuação no DAWBA, o qual corresponde ao diagnóstico do CID-10. Os adolescentes em conflito com a lei apresentaram mais distúrbios psiquiátricos, sendo que 57,2% tinham transtorno mental, enquanto 9,4% dos não infratores tinham transtorno psiquiátrico. Ressalta-se que dos transtornos mentais 16,7% sofriam de Transtorno de Conduta.

Crianças não são diagnosticadas com psicopatia, mas há a possibilidade de verificar traços para distinguir crianças em risco elevado de desenvolver psicopatia na fase adulta (VIDING; MCCRORY, 2018). Os autores verificaram baixos níveis de empatia e culpa, e que podem estar associados a heranças genéticas, porém, os fatores ambientais podem proteger.

Muris *et al* (2016) desenvolveram um estudo com pais, professores e autorrelatos de 1000 participantes (amostra clínica e não-clínica), com idade de 4 a 18 anos, com o objetivo de examinar as relações entre desregulações nas emoções autoconscientes e psicopatologia. Os autores usaram o Sistema de Avaliação Baseado Empiricamente de Achenbach, que fornece informações sobre os níveis de intensidade de ausência de culpa e vergonha, e também sobre gravidade de vários tipos de psicopatologia. Os resultados indicaram que a amostra clínica apresentou mais desregulação das emoções autoconscientes do que na população em geral. Além disso, foram encontradas relações entre emoções autoconscientes e psicopatologia infantil, sendo que a falta de culpa foi associada a problemas de externalização (desafios de oposição e a problemas de conduta). Já a vergonha esteve associada a problemas de internalização (problemas afetivos e de ansiedade). Os autores acreditam que esses resultados sugerem que as emoções autoconscientes desempenham um papel pequeno, mas significativo na psicopatologia de crianças e adolescentes.

2.4 Família relações com o desenvolvimento emocional e o comportamental de adolescentes

A família, como a principal instituição de socialização de crianças e adolescentes, há muito é reconhecida como importante para prever a delinquência (GAULT-SHERMAN, 2012). O ambiente em que a criança se desenvolve pode conter fatores de risco ou de proteção que irão influenciar também no desenvolvimento do comportamento moral (GALLO; WILLIAMS, 2005; COSCIONI *et al.*, 2019; JOSÉ, 2019; WILKINSON *et al.*, 2019). Considerando ainda Sehn *et al.*:

todos os aspectos que permeiam a vida do adolescente, a nível individual, familiar ou ambiental, estão inter-relacionados, produzindo uma cadeia de insucessos constantes que favorecem a prática delitiva e se constituem em risco para o desenvolvimento dos adolescentes. Isso ressalta a importância de investigar outras realidades e o modo como as políticas públicas e as leis são organizadas em cada contexto, a fim de se pensar em medidas para proteger o adolescente, atuando de forma mais eficaz durante o cumprimento da medida tutelar educativa e evitando a recidiva. (2016, s/p).

As autoras Pereira *et al* (2016) realizaram um estudo que avaliou 40 adolescentes que estavam cumprindo medida socioeducativa. Elas encontraram os seguintes fatores de risco na família: presença de conflitos, falta de regras, ausência de atividades em conjunto com os membros, o uso de droga ilícita por um membro e envolvimento em delitos pelos familiares.

A ligação entre o estilo parental e o comportamento violento na adolescência tornou-se um tópico relevante de pesquisa nos últimos anos (SUÁREZ-RELINQUE *et al*, 2019). A maneira como os pais educam seus filhos, ou seja, estilos parentais, autoritário, autoritativo, negligente e indulgente, possuem associação com comportamentos adequados ou não. Os estilos parentais variam em níveis de responsividade e exigência, com evidências de que o tipo de comportamento dos pais está relacionado a resultados socioemocionais e outros resultados de desenvolvimento para as crianças (BRANJERDPORN *et al.*, 2019).

A maneira como adolescentes experienciam as emoções possui relação com o relacionamento com seus pais. Faria e Ponciano (2018) defendem que há relevância entre as experiências emocionais ligadas a conquista e ao fracasso e o suporte parental entre adolescentes. Porém, além dos fatores positivos, ressalta-se que a família contribui para a prática

de delitos. Em uma pesquisa realizada com adolescentes em conflito com a lei, encontrou que 60% tinham algum membro da família envolvido em ato criminoso (CAMPOS; RESENDE, 2016).

Os estilos parentais já foram também relacionados com habilidades sociais (MOTA; FERREIRA, 2019). As pesquisadoras encontraram que o estilo autoritativo correlacionou-se com empatia, assertividade e autocontrole. As autoras também defendem que o estilo indulgente tem efeito mediador negativo em determinadas competências sociais, já o estilo autoritativo possui efeito positivo da personalidade emocionalmente ajustada.

Com o objetivo de verificar em adolescentes com problemas de comportamento e as práticas parentais como cordialidade, coerção, monitoramento e permissividade, foi realizado um estudo em áreas urbanas e rurais na China (BAO; TAO, 2017). Os autores verificaram que a ausência do monitoramento parental é um fator de risco para a inibição de práticas delinquentes na adolescência.

Estudos apontam que a dimensão de exigência, dos estilos parentais, está associada ao ato infracional. Pacheco e Hutz (2004) verificaram que adolescentes infratores avaliaram suas mães como menos exigentes quando comparadas com mães de adolescentes não infratores. Chambers *et al* (2001) realizaram um estudo com 122 adolescentes infratores. verificaram que os adolescentes que avaliavam seus pais como sendo negligentes, possuíam mais estresse psicológico e o estilo parental autoritário estava ligado com uma menor idade quando o adolescente foi apreendido.

Com o objetivo de avaliar estilos parentais disfuncionais, vergonha (externa, interna e refletida), índices de saúde mental e uma medida de flexibilidade psicológica, Kirby *et al* (2019) desenvolveram uma pesquisa que contou com a participação de 333 pais (306 mulheres) que tinham um filho com idade variando entre 3 e 9 anos de idade. Os autores encontram associações entre vergonha e controle psicológico e também com estilos parentais disfuncionais.

A partir da meta-análise de 161 artigos, buscou-se verificar se existe a associação entre parentalidade e delinquência, além da sua magnitude (HOEVE *et al.*, 2009). Os dados apontam para a ligação entre monitoramento dos pais, controle psicológico e aspectos negativos de apoio, como rejeição e hostilidade, respondendo por até 11% da variação na delinquência. Além disso, os autores encontraram que menos de 20% dos participantes do estudo focaram nos estilos parentais paternos, apesar de que os achados indicam que o efeito do apoio insuficiente dos pais foi maior do que o apoio materno deficiente, na questão de comportamentos inadequados.

Com objetivo de avaliar longitudinalmente (durante três anos) 913 alunos da sexta série nas Bahamas, Wang *et al* (2013) avaliaram o monitoramento parental e comunicação pai-adolescente em relação ao envolvimento do adolescente em delinquência, uso de substâncias e comportamentos sexuais de risco. A pesquisa teve como resultado que a comunicação aberta entre pais e adolescentes foi associada à diminuição do comportamento sexual de risco, enquanto a comunicação problemática entre pais e adolescentes foi associada a um aumento do comportamento sexual de risco. Os resultados obtidos apontam também para menor uso de substâncias na adolescência a partir do controle dos pais já no o início da adolescência.

Doze variáveis parentais foram investigadas a partir de uma pesquisa sistemática da literatura acadêmica que avaliou 77 artigos relevantes (RYAN; JORM; LUBMAN, 2010). Os estudos da pesquisa foram incluídos a partir de os seguintes critérios: estudos de coorte longitudinais; medição de um ou mais fatores parentais durante a adolescência ou pré-adolescência (entre as idades de 8 e 17), medição de resultado de qualquer uso de álcool e / ou problemas relacionados ao álcool durante a adolescência em pelo menos um momento depois que o fator parental inicial foi medido, e / ou problema de beber na idade adulta. O estudo verificou que como fator de proteção relacionado ao atraso na iniciação ao álcool foi previsto por: modelagem dos pais, limitação da disponibilidade de álcool para a criança, monitoramento dos pais, qualidade do relacionamento entre pais e filhos, envolvimento dos pais e comunicação geral.

Um estudo semelhante também foi realizado por Yap *et al* (2017), que analisou 131 artigos disponibilizados no PubMed, PsycINFO e Embase. Como critérios de seleção, os autores incluíram os estudos que: usassem um desenho longitudinal; fossem publicados em inglês; medissem quaisquer fatores parentais modificáveis na adolescência como preditores; avaliassem quaisquer variáveis de resultados relacionados ao álcool na adolescência e/ou problemas relacionados ao álcool na idade adulta; e que tivessem um intervalo de acompanhamento de pelo menos 1 ano. O estudo encontrou fatores de risco e de proteção ao uso de álcool. Como fatores de risco foram encontrados: fornecimento de álcool pelos pais, atitudes favoráveis dos pais em relação ao uso de álcool e consumo dos pais. Já os fatores de proteção: monitoramento dos pais, qualidade da relação pai-filho, apoio dos pais e envolvimento dos pais.

Micalizzi *et al* (2019) defendem que o monitoramento dos pais em relação aos comportamentos de externalização das crianças depende do apoio social recebido. Essa conclusão foi obtida após avaliar, durante quatro anos, o apoio social dos pais e os efeitos

protetores das fontes de conhecimento e relacionamento dos pais sobre seus filhos no desenvolvimento da iniciação de substâncias e da delinquência na adolescência. A amostra contou com 1.023 participantes das 6^a à 8^a série de seis escolas de Rhode Island/EUA. Os autores verificaram que o monitoramento é um fator protetivo contra a iniciação de substâncias, mas somente quando há apoio social.

Existem associações bem estabelecidas entre apego adulto e estilos parentais. Dadas as evidências emergentes de que as pessoas com diferentes padrões de apego variam na forma como recebem e modulam as informações sensoriais, há implicações potenciais para a paternidade que raramente receberam atenção da pesquisa (BRANJERDPORN *et al.*, 2019). Esse estudo investigou as relações entre o estilo parental, sensibilidade sensorial parental e o apego adulto. Participaram da pesquisa 155 pais de crianças com idades de 4 a 12 anos. Os resultados revelaram que os pais que relataram mais insegurança de apego e também níveis mais elevados de sensibilidade sensorial, foram avaliados com os estilos parentais mais autoritários e/ou permissivos, estilos não considerados ideais. Os autores acreditam que a consciência sobre o nível de sensibilidade sensorial dos pais, além de seu estilo de apego, pode auxiliar no desenvolvimento de estratégias eficazes para atender às necessidades dos pais e dos filhos e apoiar o relacionamento entre pais e filhos.

Uma revisão sistemática realizada com 3.402 artigos buscou fornecer uma visão geral do estado atual da pesquisa sobre fatores de proteção à saúde mental em filhos de pais com transtornos por uso de álcool ou drogas (WLODARCZYK *et al.*, 2017). Os resultados apresentaram fatores familiares, parentais, relacionados à criança e biológicos que influenciaram os resultados de saúde mental em crianças afetadas. Os dados da revisão apresentaram que, em geral, os fatores de proteção à saúde mental são pouco estudados neste grupo-alvo, e a maioria dos estudos incluídos foi conduzida nos Estados Unidos e empregou um desenho transversal.

Para avaliar o papel mediador das competências emocionais na relação entre o apego aos pais e o bem-estar dos adolescentes, e as relações sobre a influência de sexo, Mónaco, Schoeps, Montoya- Castilla (2019) avaliaram 1276 adolescentes espanhóis entre 12 e 15 anos ($M = 13,48$; $DP = 1,09$). Foram medidas as relações de apego mãe e pai (confiança, comunicação e alienação), competências emocionais (perceber e compreender emoções, rotular e expressar emoções, gerenciar e regular emoções) e bem-estar adolescente. Os dados apontam para a associação entre as competências emocionais mediando parcialmente a relação entre apego aos

pais e variáveis de bem-estar. O apego à mãe e ao pai, juntamente com as competências emocionais, são variáveis relevantes no bem-estar do adolescente.

Glenn (2019) defende que a primeira infância é uma época em que as diferenças individuais em empatia e culpa - indicadores-chave do construto da psicopatia, ficam mais evidentes. Assim, esse pesquisador analisou estudos longitudinais que investigam como fatores na primeira infância predizem traços de tipo psicopático no final da infância, adolescência e idade adulta. O autor concluiu que esses estudos sugeriram que os estilos parentais durante a infância (sensibilidade parental, controle maternal severa, comentários sobre o estado emocional da criança), bem como estilos de apego, são preditivos de traços posteriores de tipo psicopático.

Uma pesquisa realizada com 341 adolescentes detidos, sendo 185 meninas, com idade variando de 12 a 18 anos, buscou entender a relação entre maus-tratos emocionais e problemas de saúde mental entre os sexos (VAHL *et al.*, 2016). Os pesquisadores usaram Childhood Trauma Questionnaire e Youth Self Report para fazer a avaliação. Os autores verificaram a correlação entre maus-tratos e problemas de saúde mental para os dois sexos. Os resultados ainda revelam que as meninas apresentaram níveis mais altos de experiências de maus-tratos e problemas de saúde mental do que os meninos.

Os pesquisadores Stewart, Livingston, Dennison (2008) defendem que há a ligação entre maus-tratos e comportamentos violentos, porém nem toda criança que sofreu maus-tratos é violenta. Assim, o estudo realizado por esses pesquisadores buscou entender examinar o impacto e a cronicidade dos maus-tratos na infância sobre o delito. Os autores analisaram entre os anos de 1983 e 1984, na Austrália, dados administrativos de crianças que foram encaminhadas aos serviços de proteção, chegando a 5.849 casos. Desses casos foram obtidas informações sobre todos os contatos de proteção à criança e justiça juvenil até a idade de 17 anos. Os autores encontraram seis grupos distintos de trajetórias de maus-tratos, os quais se distinguiam pela frequência de vitimização, idade de início e a duração dos maus-tratos. Os maus-tratos atingiram o auge durante a transição da pré-escola para a escola primária, e da transição da escola primária para a secundária. Por fim, os pesquisadores encontraram que as crianças cuja trajetória de maus-tratos começou ou se estendeu até a adolescência eram mais propensas a ofender quando jovens do que crianças cujos maus-tratos ocorreram antes, mas não durante, a adolescência.

Ao estudar 788 adolescentes, sendo (672 homens e 116 mulheres) infratores e buscar avaliar lesão cerebral traumática (TCE) em adolescentes infratores, Schofield *et al* (2019) encontraram TCE anterior em 39% da amostra. Os pesquisadores também verificaram na

amostra do sexo feminino que os sintomas de sofrimento psicológico foram mais prevalentes. A partir da avaliação das respostas do Questionário de Trauma na Infância, associando ao TCE, os autores verificaram que uma história de TCE foi associada a maior sofrimento psicológico e níveis mais altos em medidas padronizadas de raiva / violência, estresse pós-traumático e abuso de substâncias.

Com o objetivo de avaliar o senso de responsabilidade de pais de jovens que praticaram violência sexual contra crianças, foi realizada uma pesquisa com 10 famílias no Canadá (GERVAIS; ROMANO, 2018). Foram realizadas 16 entrevistas com pais e mães, e os resultados apontam que os responsáveis buscaram atender às vítimas, ou seja, estavam atentos ao bem-estar, mas também procuraram atender a seus filhos, buscando prevenir a reincidência. As autoras acreditam que é importante que os serviços de apoio também atendam os cuidadores, uma vez que também são afetados emocionalmente pela prática de violência.

Para compreender melhor a relação entre os estilos parentais e violência on-line, Muñiz-Rivas, Vera, Povedano-Díaz (2019) avaliaram 1132 adolescentes (46,4% meninos e 53,6% meninas), com idades entre 14 e 18 anos ($M = 15,6$; $DP = 1,3$). A pesquisa encontrou que as pontuações mais baixas em todas as dimensões de violência no namoro foram obtidas por adolescentes de famílias indulgentes. Ainda, adolescentes com mães autoritárias obtiveram as maiores pontuações na violência e controle infligido *on-line*, respectivamente, e as meninas adolescentes com pais autoritários obtiveram as maiores pontuações na violência verbal e emocional.

Com objetivo de avaliar qual o tipo de estilo parental (autoritativo, indulgente, autoritário e negligente) era o mais protetor contra a violência entre filhos e pais, Suárez-Relinque *et al* (2019) avaliaram 2.112 adolescentes de ambos os sexos (50,2% homens e 49,8% mulheres), com idades entre 12 e 18 anos. Os resultados apontaram para os menores escores em todas as dimensões de violência entre pais e filhos corresponderam aos adolescentes de famílias indulgentes. Além disso, dois efeitos de interação foram observados entre o estilo parental e a idade na agressão verbal contra a mãe e na agressão verbal contra o pai. Em relação a esses efeitos, os adolescentes de famílias indulgentes obtiveram os menores escores em duas das três faixas etárias analisadas (12-14 anos e 15-16 anos). No grupo de 17 a 18 anos, adolescentes de famílias autorizadas obtiveram valores semelhantes, mas inferiores aos de famílias com um estilo indulgente de educação. Essas descobertas sugerem que o estilo indulgente é o estilo parental

mais protetor contra a violência entre pais e filhos, destacando a importância da responsabilidade, apoio emocional e violência entre pais e filhos.

3 MÉTODOS

3.1 Tipo de Pesquisa

Trata-se de um estudo observacional, analítico com coleta de dados transversal, com análises quantitativas.

3.2 Local e período do estudo

A pesquisa foi realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente da UFPR. Os dados do grupo de estudo foram coletados nos Centros de Socioeducação de Curitiba e região Metropolitana (Censes: Curitiba, Joana Richa, São Francisco e Fazenda Rio Grande). Os dados do grupo comparação foram coletados nos Colégios Estaduais: Augusto Vanin, Desembargador Clotário Portugal e Professora Edithe. O estudo foi realizado no período de novembro de 2016 a março de 2021, sendo que a coleta de dados ocorreu entre os meses de março de 2017 a dezembro de 2019.

3.3 Critérios de inclusão e exclusão

3.3.1 Critérios de inclusão de grupo estudo

- idade de 12 a 19 anos;
- estar cumprindo medida socioeducativa de internação;
- de ambos os sexos
- apto física e mentalmente para participar da pesquisa
- tiveram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos pais ou responsáveis;
- assinaram o Termo de Assentimento.

3.3.2 Critérios de inclusão dos adolescentes do grupo comparação

- estar estudando;

- não ter cumprido medida socioeducativa ou estar respondendo por um ato infracional;
- apto física e mentalmente para participar da pesquisa;
- tiveram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos pais ou responsáveis;
- assinaram o Termo de Assentimento.

3.3.2 Critérios de exclusão para ambos os grupos

- apresentar inconsistência nas respostas;
- não estar apto física ou mentalmente para participar da pesquisa;
- desistir da participação da pesquisa.

3.4 EXCLUSÃO

No grupo de estudo houve a exclusão de um respondente, após verificar que o participante apresentou-se muito agitado durante a coleta e não realizou o preenchimento adequadamente. No grupo comparação houve a exclusão de dois questionários, pois os mesmos relataram já ter praticado ato infracional e estarem respondendo pelo mesmo.

3.5 CASUÍSTICA

3.6 POPULAÇÃO DE ESTUDO

3.6.1 Grupo de estudo: adolescentes em conflito com a lei

Obedecendo aos critérios de inclusão e exclusão, constituíram a população do grupo de estudo 183 adolescentes do sexo masculino e 36 adolescentes do sexo feminino que estavam cumprindo medida de Internação em estabelecimento sócioeducacional.

3.6.2 Grupo comparação: adolescentes sem histórico de ato infracional

Obedecendo aos critérios de inclusão e exclusão, constituíram a população do grupo comparação 197 adolescentes do sexo masculino e 45 adolescentes do sexo feminino estudantes de escolas públicas localizadas em áreas da Região Metropolitana de Curitiba.

3.7 AMOSTRA E TÉCNICA DE AMOSTRAGEM

3.7.1 Grupo de estudo

Constituiu a amostra do grupo de estudo 219 adolescentes que estavam cumprindo medida socioeducativa de internação. A amostra do grupo de estudo foi selecionada de forma não probabilística, por conveniência, de forma sistemática. A participação foi voluntária e anônima. Quando o participante era menor de idade, foi solicitada a autorização dos pais/responsáveis (com a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). A quantidade de participantes foi verificada a partir de um cálculo amostral, levando em consideração o número de vagas disponíveis para adolescentes em conflito com a lei no Estado do Paraná cumprir medida de internação, dado disponibilizado pela Secretaria de Estado de Justiça e Família. Há 1025 vagas em todo o Estado do Paraná. Em Curitiba e região Metropolitana (Piraquara, Fazenda Rio Grande e São José dos Pinhais) há 288 vagas, sendo que para adolescentes do sexo feminino estão disponíveis somente 30 vagas. É importante ressaltar também, que na época da solicitação de liberação para a coleta de dados a Unidade de São José dos Pinhais não havia sido inaugurada (essa unidade oferta 78 vagas), assim não foi incluída na coleta de dados.

3.7.2 Grupo comparação

Constituiu a amostra do grupo comparação 242 adolescentes, estudantes de escolas públicas da periferia da região metropolitana de Curitiba. A amostra desse grupo foi selecionada de forma não probabilística, por conveniência, de forma sistemática.

3.8 HIPÓTESES DE ESTUDO

Hipótese Nula (H₀): Adolescentes que percebem seus pais como pertencentes ao grupo de estilos negligentes e indulgentes, ou seja, com menores percepções de exigência, cometem mais atos infracionais.

Hipótese Alternativa (H₁): Adolescentes que percebem seus pais como pertencentes ao grupo de estilos negligentes e indulgentes, ou seja, com menores percepções de exigência, não cometem mais atos infracionais.

3.9 PROCEDIMENTOS

3.9.1 Procedimentos: grupo de estudo

Inicialmente o projeto foi encaminhado às equipes diretivas dos Centros de Socioeducação de Curitiba e Região Metropolitana (Cense Curitiba, Cense Fazenda Rio Grande, Cense Joana Miguel Richa e Cense São Francisco) para a apresentação do projeto e anuência da participação da Instituição na pesquisa. Depois foi solicitada à Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos (SEJU) do Estado do Paraná a aprovação da pesquisa com os adolescentes. Depois, todos os documentos foram encaminhados para a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UFPR.

Com a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UFPR, foi entrado em contato novamente com as equipes diretivas dos Centros de Socioeducação para a definição das datas para: assinatura dos Termos de Autorização dos pais/responsáveis (Apêndice A) e também para a coleta de dados. A assinatura do Termo de Autorização dos pais/responsáveis ocorreu durante as visitas das famílias à unidade. No dia da coleta de dados, primeiramente, foi solicitado que os adolescentes preenchessem o Termo de Assentimento (Apêndice B). Os participantes foram informados sobre o anonimato dos dados e o caráter voluntário da participação. Foram ainda informados de que, mesmo com o aceite em participar, poderiam interromper sua participação a qualquer momento sem nenhum prejuízo. Os instrumentos foram entregues, e a pesquisadora orientou a forma de como preencher. Houve casos em que a pesquisadora atuou como leitora e escriba para alguns adolescentes caracterizados como analfabetos funcionais, ou seja, com dificuldade na leitura e escrita. Os participantes foram instruídos a ler atentamente as instruções de cada instrumento e responder da forma mais sincera possível, sendo que não havia respostas certas ou erradas. Durante a coleta dos dados, a pesquisadora esteve disponível junto aos adolescentes para dirimir quaisquer dúvidas que eles possam ter ao responder o questionário. A coleta, na maioria das vezes, ocorreu com grupos de 1 até 5 participantes, devido a precaução com a pesquisadora e com os internos.

3.9.2 Procedimentos grupo comparação

Concomitante ao pedido da SEJU a pesquisadora entrou em contato com a Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), a fim de verificar a possibilidade de realização da pesquisa. A partir do consentimento da SEED, foi encaminhado, juntamente com os documentos

enviados pela SEJU, para a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UFPR.

Com a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UFPR foi entrado em contato com equipes diretivas e pedagógicas de escolas públicas para estabelecer as turmas que foram abordadas para a entrega do TCLE e agendamento da coleta de dados. Foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos pais antes da realização da coleta (Apêndice A) e também a assinatura do Termo de Assentimento (Apêndice B) aos adolescentes. Os participantes foram informados sobre o anonimato dos dados e o caráter voluntário da participação. Eles foram ainda informados de que, mesmo com o aceite em participar, poderiam interromper sua participação a qualquer momento sem nenhum prejuízo. Primeiramente a pesquisadora convidou os adolescentes a participar da pesquisa, após um breve resumo, e entregou o Termo de Autorização dos Pais. Os adolescentes levaram o documento para os pais/responsáveis assinarem, e na data combinada com a direção da escola, a pesquisadora retornou e, para os adolescentes que tinham o documento assinado, entregou o Termo de Assentimento, e após o instrumento de pesquisa. Os instrumentos foram entregues nas salas de aula, e os adolescentes foram orientados de como preencher. Os participantes foram instruídos a ler atentamente as instruções de cada instrumento e responder da forma mais sincera possível, pois não havia resposta certa ou errada. Durante a coleta dos dados, a pesquisadora esteve disponível junto aos adolescentes para dirimir quaisquer dúvidas que eles pudessem ter ao responder o questionário. A coleta foi realizada de forma coletiva, com grupos de até 35 alunos.

3.9.3 Ética em pesquisa

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal do Paraná, sob o registro CEP: SCS/UFPR e CAAE: 48345.115.7.0000.0102, observando a Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (Anexo E).

3.9.3 Monitorização da pesquisa

A pesquisa foi realizada considerando as medidas de proteção, minimização de riscos, confidencialidade, responsabilidade do pesquisador e da instituição, de acordo com o

compromisso firmado com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, na ocasião de submissão do projeto.

3.9.4. Caracterização do Estudo

Trata-se de um estudo que foi realizado com dois grupos de adolescentes: em conflito com a lei (grupo de estudo) e não infratores (grupo comparação). Os mesmos instrumentos foram aplicados para os dois grupos. O estudo teve como objetivo verificar perfil do adolescente em conflito com a lei, os motivos que os levaram a abandonar a escolas, as diferenças entre os níveis de emoções morais, e as relações entre emoções morais e estilos parentais percebidos pelos adolescentes e comparar as (possíveis) diferenças entre os dois grupos, por sexo.

3.9.5 Instrumentos utilizados

- Questionário com questões sociodemográficas: (a) informações gerais de aplicação; (b) informações sobre os participantes (nome, idade, sexo e abandono escolar - se já tinha abandonado a escola, com quantos anos (c) informações sobre a família, como número de irmãos, situação conjugal dos pais e com informações referentes ao Questionário Critério de Classificação Econômica Brasil (ABEP, 2013) (Apêndice C);
- **Escala de Responsividade e Exigência Parental** (TEIXEIRA *et al.*, 2004) utilizada para verificar os estilos parentais percebidos. Possibilita, através da combinação de seus escores brutos, a determinação dos quatro estilos parentais percebidos pelos filhos. O instrumento contém 24 itens (12 relacionados à exigência e 12 a responsividade), para que os participantes respondam em uma escala de quatro pontos: quase nunca ou bem pouco (0) a geralmente ou bastante (4). A escala contempla uma avaliação tanto para a mãe quanto para o pai (Anexo A);
- **Escala de Vergonha** (LASKOSKI *et al.*, 2013) afere níveis de vergonha, composta por oito itens em formato Likert de 5 pontos, tal que quanto mais próximo do 5 maior a intensidade de vergonha. A vergonha diz respeito à percepção de constrangimento frente a alguma característica pessoal ou a uma ação, principalmente frente à possibilidade de julgamento por terceiros (Anexo B);
- **Escala de Culpa** (LASKOSKI *et al.*, 2013) afere níveis de culpa, formada por dois fatores: Reconhecimento do Erro e Arrependimento, composta por 11 itens em formato Likert de 5 pontos, tal que quanto mais próximo do 5 maior a intensidade do culpa. O fator

Reconhecimento do Erro apresenta itens associados ao sentimento de mal-estar frente a uma avaliação negativa sobre um comportamento. O fator denominado de Arrependimento é composto por itens que avaliam sentimentos de arrependimento após ter realizado um comportamento indesejável (Anexo C);

- **Escala Bidimensional de Orgulho** (LASKOSKI *et al.*, 2013): afere níveis de orgulho Autêntico e Arrogante, composta por 11 itens em formato Likert de 5 pontos, tal que quanto mais próximo do 5 maior a intensidade do orgulho. Os itens relativos ao Orgulho Autêntico correspondem à avaliação de sentimentos de felicidade e prazer em realizar uma ação em que se acredita ter tido sucesso. O Orgulho Arrogante refere-se à dificuldade em se relacionar e admitir erros, sentimentos de superioridade, além da desvalorização da contribuição dos outros (Anexo D).

3.9.6 Tabulação e gerenciamento de dados

Os dados foram coletados pela pesquisadora e digitados em planilha eletrônica (Microsoft Excel®) e posteriormente encaminhados para análise estatística.

3.9.7 Análise dos dados

Todos os dados obtidos pela pesquisadora, por meio dos questionários, foram digitados em planilha eletrônica (Microsoft Excel®), conferidos e exportados para análise estatística para o programa de SPSS. Foram testadas as diferenças entre os adolescentes do grupo comparação (adolescentes não infratores) e grupo de estudo (adolescentes em conflito com a lei) por meio de testes-t e as correlações foram realizadas pelo qui-quadrado.

3.9.8 Fomento para a pesquisa, profissionais e instituições envolvidas

Esta pesquisa recebeu fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) durante somente os seis primeiros meses, com concessão de bolsa à autora, a qual teve que ser interrompida pela ausência de liberação para estudos pela Secretaria de Estado de Educação

4. ARTIGO

4.1 Relações entre Estilos Parentais e Emoções Morais em Adolescentes Infratores

Relationships between Parenting Styles and Moral Emotions in Adolescent Offenders

Relaciones entre Estilos Parentales y Emociones Morales em Delincuentes Adolescentes

4.1 Parenting Styles and Emotions in Teenagers

Artigo publicado na Revista Paideia 2022, Vol. 32, e3207. doi:<https://doi.org/10.1590/1982-4327e3207>

Parenting Styles and Moral Emotions of Adolescents in Conflict with the Law

Lorena Maria Laskoski¹  <https://orcid.org/0000-0002-4900-2328>

Maria Nilvane Fernandes²  <https://orcid.org/0000-0002-3420-2714>

Gustavo Manoel Schier Doria¹  <https://orcid.org/0000-0002-6453-4701>

Abstract: The cognitive and emotional development of adolescents is affected by how they perceive their parents' upbringing, or parenting style. This study aimed to verify the relationship between the perception of parenting styles by adolescents who committed transgressive acts and compare it to that of adolescents without such a history, also searching for associations with the moral emotions of pride, shame, and guilt. In total, 219 adolescents in conflict with the law and 243 non-offender adolescents participated in the study. They answered questionnaires containing sociodemographic questions and scales that assess moral emotions and parenting styles. The Chi-square and t-test were used to verify significant correlations between the demandingness dimension of the perceived parenting style and the practice of transgressive acts. Results revealed that the demandingness dimension and two guilt factors can act as protection against transgressive acts, especially in male adolescents.

Estilos Parentais e Emoções Morais de Adolescentes em Conflito com a Lei

¹ *Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brazil*

² *Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, Brazil*

Article derived from the first author's doctoral dissertation whose PhD degree was obtained in 2021 under the supervision of the other authors, at the Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e do Adolescente da Universidade Federal do Paraná.

Correspondence address: Lorena Maria Laskoski. Universidade Federal do Paraná. Rua General Carneiro, 181, Curitiba-PR, Brazil. CEP 80.060-240. E-mail: lorelaskoski@gmail.com

Resumo: A maneira como os adolescentes percebem a educação recebida por seus pais, ou seja, os estilos parentais, afeta tanto no desenvolvimento cognitivo quanto no emocional. Este estudo teve como objetivo verificar as relações dos estilos parentais percebidos por adolescentes que cometeram atos infracionais, comparando com adolescentes sem esse histórico, e buscando associações entre emoções morais: orgulho, vergonha e culpa. Participaram 219 adolescentes em conflito com a lei e 243 não infratores. Responderam questionários contendo questões sociodemográficas e escalas que avaliam emoções morais e estilos parentais. A partir do Teste-t e qui-quadrado verificaram correlações significativas entre a dimensão exigência do estilo parental percebido e a prática de atos infracionais. Os resultados deste estudo apontam que a dimensão de exigência e os dois fatores de culpa podem atuar como proteção para o ato infracional, principalmente em adolescentes do sexo masculino.

Estilos Parentales y Emociones Morales de Adolescentes en Conflictos con la Ley

Resumen: La forma en la que los adolescentes perciben la educación recibida de sus padres, es decir, los estilos parentales, afecta tanto el desarrollo cognitivo como el emocional de ellos. Este estudio tuvo como objetivo verificar las relaciones de los estilos parentales percibidos por los adolescentes que han cometido actos infractores, comparándolos con adolescentes sin este historial, y buscando asociaciones entre las emociones morales: orgullo, vergüenza y culpa. Participaron 219 adolescentes en conflicto con la ley y 243 adolescentes no infractores. Todos respondieron cuestionarios con preguntas sociodemográficas y escalas que evalúan las emociones morales y los estilos parentales. Se utilizaron el test t y la prueba chi cuadrado para verificar las correlaciones significativas entre la dimensión exigencia de estilo parental percibido y la práctica de actos infractores. Los resultados indicaron que la dimensión de exigencia y los dos factores de culpa pueden influir como protección del acto infractor, especialmente para adolescentes del sexo masculino.

There are several risk and protective factors interfering in persons' entire life cycles since birth influencing their behaviors (Wilkinson, Lantos, McDaniel, & Winslow, 2019), and those associated with their families are of great importance. The family is the first and most relevant institution in which children

are inserted. It is where they learn social norms, identifying and expressing their emotions and how they should behave socially, according to what they experience day by day (Leitão, 1999).

The values and behaviors of family members directly impact the development of all its members. In a study with 40 adolescents who were taking socio-educational measures, the structure, communication and family relationships were verified (Pereira et al., 2016). Among the results, in addition to conflicts, there were associations between infractions with the absence of rules and activities in conjunction with members, the use of illegal drugs and family members involved in crimes. Finally, they also found that during the fulfillment of the socio-educational measure, the family relationship became closer, which did not happen before.

Another factor linked to socialization is the way in which a person experiences the moral emotions of pride, shame and guilt. Differences in how these emotions are experienced may influence inappropriate attitudes. The relations of these emotions with parenting styles can show developmental aspects favorable to health promotion, seeking to contribute to an improvement in quality of life (Prieto-Montoya, Cardona-Castaneda, & Velez-Alvarez, 2016).

To name the set of parenting practices, i.e., the way in which parents educate their children, Baumrind (1966) proposed a model with three parenting styles: authoritative, authoritarian and permissive. In 1983, Maccoby and Martin analyzed parenting styles in terms of two dimensions: demandingness and responsiveness. The demandingness dimension concerns the control and supervision of behavior, requirements and discipline, while responsiveness corresponds to the understanding attitudes of parents towards their children, such as communication, emotional support and development of autonomy (Teixeira, Bardagi, & Gomes, 2004).

Thus, based on these dimensions, researchers Maccoby and Martin (1983) divided the permissive style into: indulgent and neglectful, keeping the others authoritative and authoritarian as proposed by Baumrind. For Teixeira et al. (2004), who validated the parenting styles scale for Brazil, parents who are perceived as belonging to the authoritative style present high levels of control and responsiveness; parents who are perceived to be authoritarian parenting style show high levels of control and low levels of responsiveness. Those perceived as being of the indulgent parenting style show high levels of

responsiveness and low level of control. Finally, parents who are perceived to be neglectful have low levels of both control and responsiveness.

Several researchers have been seeking to understand how parenting styles affect the development of children and adolescents (Caridade, Martins, & Nunes, 2019). A cross-cultural survey carried out with adolescents aged 12 to 18 years, 52.1% women, from the following countries: Spain $n = 793$, Portugal $n = 675$ and Brazil $n = 623$, analyzed the impact of parenting styles on adolescents' self-esteem and in the internalization of social values (Martinez et al., 2020). The four types of parenting styles were measured using the cordiality and rigidity dimensions of the Parental Socialization Scale. The research showed that parental responsiveness was associated with adolescent self-esteem and internalization of social values. The researchers found an association between indulgent and authoritative upbringing (both characterized by being high in responsiveness) with the internalization of the values of universalism, benevolence, safety, conformity, and tradition. This association was not found among adolescents who lived in authoritarian and neglectful homes.

More specifically, a research project was carried out in a city in rural Portugal (Caridade et al., 2019), related to teenagers who committed infractions, with the objective of discovering possible deviant behaviors, delinquents and the lifestyle of young people, The sample included 80 young people aged between 15 and 25 years ($M = 19$ years; $SD = 2.60$), 56% male. The results indicated that regarding the parental education received, the inexistence of rules and parental supervision was verified and they admitted having already practiced deviant, delinquent and even criminal acts.

Considering that parents are the primary sources of socialization and information about social norms, the importance of styles of interaction with children in regulating emotions of social behavior is highlighted. Such emotions, also called moral emotions, have a great influence on how people will behave or make moral decisions (Tangney & Tracy, 2011). People's moral standards are influenced in part by universal moral laws, as well as culturally specific proscriptions. In this sense, emotions such as guilt and shame help to regulate behavior in society.

Research has shown the relationship between moral emotions and moral behavior, considering that moral motions such as shame and guilt are highlighted as regulators of adequate social behavior (Tangney

& Tracy, 2011). Pride and shame are important emotions that influence identity development and psychological well-being in adolescence (Randell, Joffer, Flacking, Starrin, & Jerdén, 2017).

Among the risk factors commonly found in research related to the offense, either environmental or not, we have: low socioeconomic status, being victim of maltreatment in childhood (Wilkinson et al., 2019), having a history of mental disorders (Morshed, Rahman, Qusar, Shahid, & Arafat, 2018), drug use/abuse (Andrade, Alves, & Bassani, 2018), among others. However, it is noteworthy that such factors cannot be analyzed separately as an exclusive consequence of the development of transgressive acts. In order to learn more about factors associated with transgressive acts, this study aimed at verifying the relations of parenting styles perceived by adolescents who committed transgressive acts, in comparison with adolescents without such a history, plus searching for associations with the moral emotions of pride, shame and guilt.

The family is the main institution in which the child/adolescent learns to live socially and, by studying the perceived parenting styles, it is possible to understand the relationship between parents and children. Thus, this study sought to contribute to new perspectives on adolescents, as well as to support public policies, covering areas such as mental health, education and also public security, which assist children and adolescents and their families in vulnerable situations.

Method

Participants

In total, 462 adolescents participated in this research, divided into two groups: 219 adolescents in the Study group, who were completing socio-educational measures, being 183 males; and 243 in the Comparison group, non-offending adolescents, 198 of which were male. The sample was chosen by convenience and participation was voluntary. It stands out as participation criteria: being between 12 and 19 years old, physically and mentally fit and that their guardians have signed the informed consent form. The Study group participants were from the socio-education centers of Curitiba and its metropolitan region. The mean age of the male part was 16.7 years (SD = 1.01) and 16.7 years (SD = 1.37) for the female part. Adolescents in the Comparison group came from public schools in the Metropolitan Region of Curitiba. The responses of two adolescents in this group who declared they had already committed an infraction

were excluded. The mean age of the male part was 15.37 years (SD = 1.15), and 15.1 years (SD = 1.18) for the female part.

Instruments

Self-administered closed-response questionnaire containing sociodemographic questions;

Parental Responsiveness and Demandingness Scale (Teixeira et al., 2004) used to verify perceived parenting styles. It allows, through the combination of their raw scores, the determination of the four parenting styles perceived by the children. The instrument contains 24 items (12 related to demandingness and 12 to responsiveness), for participants to respond on a **five**-point scale: almost never or very little (0) to generally or quite (4). The scale includes an assessment for both the mother and the father. The scale's Cronbach's alpha is 0.78 and 0.92;

Shame and Guilt Scales (Laskoski, Natividade, & Hutz, 2013): the Shame Scale consists of eight items in a 5-point Likert format, such that the closer to 5, the greater the intensity of shame. Shame refers to the perception of embarrassment regarding some personal characteristic or an action, especially regarding the possibility of judgment by others. The Guilt Scale is formed by two factors: Recognition of Error and Regret, consisting of 11 items in a 5-point Likert format, such that the closer to 5, the greater the intensity of guilt. The Error Recognition factor presents items associated with the feeling of malaise in face of a negative evaluation of a behavior. The factor called Regret is composed of items that assess feelings of regret after having performed an undesirable behavior. The Shame scale's Cronbach's alpha is 0.86, and Guilt's is 0.78 and 0.75;

Escala Bidimensional de Orgulho (Laskoski, Natividade, Navarini, Bittencourt, & Hutz, 2013): afere níveis de orgulho Autêntico e Arrogante, composta por 11 itens em formato *Likert* de 5 pontos, tal que quanto mais próximo do 5 maior a intensidade do orgulho. Os itens relativos ao orgulho Autêntico correspondem à avaliação de sentimentos de felicidade e prazer em realizar uma ação em que se acredita ter tido sucesso. O orgulho Arrogante refere-se à dificuldade em se relacionar e admitir erros, sentimentos de superioridade, além da desvalorização da contribuição dos outros. A escala apresenta *alpha* de Cronbach de 0,79 e 0,75.

Procedures

Data collection. Authorizations were obtained from those responsible for socio-educational institutions and regular schools, as well as the signing of the free and informed consent form for the parents. On the day scheduled for data collection, the researcher and the research objective were initially presented. Afterwards, the free and informed consent form was delivered and the adolescents were asked for their consent. Finally, they answered the questionnaires in a private room, with the presence of a researcher. No employees of the institutions had access to the participants' responses.

Data analysis. Differences among adolescents in the Comparison group and Study group were tested by means of the t-test as a whole and then for males and females separately and between the groups: offenders and non-offenders. Effect size calculations were performed using Cohen's d and Hedge's g, a version unbiased by sample size. In addition, associations were made between the Comparison group and Study Group with parenting styles. From the medians in the demandingness and responsiveness dimensions of the parenting styles, four groups of styles were defined: neglectful (below the median in both dimensions), authoritarian (equal to or above the median in demandingness and below in responsiveness), indulgent (below the median in demandingness and equal to or above in responsiveness) and authoritative (equal to or above the median in both dimensions). Still regarding associations, chi-square tests were performed among moral emotions.

Ethical Considerations

This study was approved by the Research Ethics Committee of the Universidade Federal do Paraná (Opinion No. 1.380.618, CAAE No. 48345115.7.0000.0102). All ethical procedures were ensured. Initially, a report was conducted to present the research and procedures, explaining the voluntary nature of participation and the possibility of refusing or interrupting participation in the study. Only adolescents who had the consent form signed by their guardians participated in the study. All data obtained related to the identity of the subjects were kept strictly confidential, and their privacy was respected.

Results

This analysis investigated the differences between the dimensions of parenting styles in the two groups. Regarding the dimensions of parenting styles, the mother's demandingness factor was higher in the

Comparison group than in the Study group ($t(349.7) = -9.39$; $p < 0.001$; $d = 0.93$; $g = 0.93$), but there was no difference for the mother's responsiveness factor ($t(422) = -0.86$; $p = 0.39$; $d = 0.08$; $g = 0.08$). As for the factors of paternal parenting styles, we see the same pattern as the maternal, with higher levels of demandingness for the Comparison group ($t(224) = -7.57$; $p < 0.001$; $d = 0.89$; $g = 0.88$) and there were no significant differences between groups for paternal responsiveness ($t(289) = 0.34$; $p = 0.73$; $d = 0.05$; $g = 0.05$).

The results of the t-test for differences between the dimensions of parenting styles, especially for males, show that the mother's demandingness factor was greater in the Comparison group than in the Study group ($t(284.2) = -8.99$; $p < 0.001$; $d = 0.96$; $g = 0.96$), but there was no difference for the mother's responsiveness factor ($t(347) = -0.59$; $p = 0.55$; $d = 0.06$; $g = 0.06$). As for the factors of paternal parenting styles, we see the same pattern as the maternal one ($t(178.9) = -7.10$; $p < 0.001$; $d = 0.95$; $g = 0.95$); requirement levels were higher for the Comparison group and there were no significant differences between groups for paternal responsiveness ($t(233) = -0.36$; $p = 0.71$; $d = 0.05$; $g = 0.05$).

Regarding the dimensions of parenting styles, especially for females, the demandingness factor of the mother was greater in the Comparison group than in the Study group ($t(65.5) = -3.14$; $p < 0.01$; $d = 0.74$; $g = 0.73$), but there was no difference for the mother's responsiveness factor ($t(72) = -0.66$; $p = 0.51$; $d = 0.16$; $g = 0.16$). As for the factors of paternal parenting styles, we can see the same pattern as the maternal one, with the levels of demandingness being higher for the Comparison group ($t(55) = -2.06$; $p < 0.05$; $d = 0.57$; $g = 0.55$) and there were no significant differences between groups for paternal responsiveness ($t(53) = 1.79$; $p = 0.78$; $d = 0.50$; $g = 0.49$).

Tests were performed to verify the parenting styles of each group by sex. Table 1 presents data separated by sex, group and parenthood.

Table 1

Table 1 showed a greater predominance of parenting style among boys in the Study group of neglectful parenting style (44.1% mother; 49% father). And among male adolescents in the Comparison group, the authoritative style predominated (45.3% mother and 42.6% father). Among the girls in the Study group, the authoritative parenting style predominated (34.3% mother and 43.5% father). A similar result

was found among the adolescents in the Comparison group, with the predominant authoritative parenting style (51.3% mother and 40.6% father).

Furthermore, the differences between the Comparison group and the Study group were calculated, with correlations of each moral emotion and parenting styles separately for father and mother. It was possible to find that Shame only showed a negative and significant correlation with the maternal parenting style of the male adolescents in the Comparison group ($r = -.179, p < 0.05$).

Table 2 presents the correlations of the Regret (Guilt) factor with the parenting styles separately for father and mother between groups and genders.

Table 2

Table 2 shows that the factor Regret, for the boys in the Study group, showed a negative correlation with the neglectful style for both the father and the mother. In addition, the results point to the positive correlation with the authoritative style for both parental figures with this guilt factor for the boys in the study group. The maternal indulgent style was negatively correlated with Regret for boys in the comparison group and positively correlated with the paternal authoritative style for girls in the same group. No correlations of the female parenting styles for the Study group were found with this emotion.

As for the second Guilt factor, called Error recognition, the results of the correlation analysis with parenting styles can be seen in Table 3.

Table 3

Table 3 showed a positive correlation of the Error recognition factor with the authoritative style, and a negative correlation with the neglectful style, both for father and mother for the boys in the Study group. Maternal and paternal indulgent style was negatively correlated with Error Recognition for girls in the Comparison group. Correlations between female parenting styles in the Study group and boys in the Comparison group with this emotion were not verified.

Lastly, the two dimensions of pride and their correlations with parenting styles were analyzed. Regarding Arrogant pride, there was only a correlation between the maternal parenting style and the girls of the Study group ($p < 0.05$). Furthermore, Arrogant pride showed a negative correlation with the maternal indulgent style of the boys in the Comparison group ($p < 0.05$). Finally, Table 4 presents the results of

correlations among parenting styles with the dimension of Authentic Pride.

Table 4

Table 4 shows the negative correlation of Authentic pride with the Indulgent maternal parenting style of the boys in the Study group and also with the Indulgent maternal parenting style for the male adolescents in the Comparison group.

Positive correlations were found between Authentic pride and authoritative style, as well as negative correlations for both father and mother among the boys in the Comparison group. The maternal indulgent style showed a positive correlation for male adolescents in the Study group. There were no correlations between female parenting styles or the Study group or the Comparison group with this emotion.

Discussion

The demandingness dimension of the parenting style showed a significant difference for adolescents, being higher in both sexes in the Comparison group, as compared to adolescents in the Study group. The parenting styles that are characterized with high levels of demandingness are authoritarian and authoritative, presenting control and supervision of behavior, requirements and discipline (Teixeira et al., 2004). For Mishra and Biswal (2020) the absence of guidance, supervision, support and communication from parents and even excessive love are risk factors for the development of criminality in children. Thus, it seems that the demandingness dimension is correlated with the low practice of transgressive acts.

The parenting style showed a significant difference for male adolescents, in which adolescents in the Study group evaluated more both the mother and the father as belonging to the neglectful style. Adolescents in the Comparison group, on the other hand, rated their parents more as belonging to the authoritative parenting style. These data corroborate the findings of Kauser and Pinquart (2016), who investigated parenting styles in Pakistan and found that children raised in an authoritative style presented lower levels of juvenile delinquency; and parental neglect style was correlated with delinquency at higher levels. For Mishra and Biswal (2020), negligence or total freedom cause delinquent behavior due to the absence of guidance and monitoring, as they collaborate to the involvement of children with deviant peers.

It is noteworthy that authoritative style was also verified in other cultures as being the best style to educate a child. This style has commonly been correlated with the healthier development of children and

adolescents, with less risk of committing bullying (Hernández & García, 2017) and little involvement in the practice of bullying (Mota & Pinheiro, 2018). It is also noteworthy that having parents belonging to the neglectful style increases the risk by 34% of using cocaine, 31% marijuana, 23% cigarette (Prieto-Montoya et al., 2016).

The assessment verified among boys regarding neglectful and authoritative styles, was not found among girls. In both groups, the girls had a significant number of parental assessments as belonging to the authoritative group. This difference can be explained by the different perceptions between genders, with maternal responsiveness and maternal and paternal demandingness being greater in the group of girls, as Teixeira et al. (2004) performed the scale refinement to assess parenting styles. The authors stated that among parents, especially mothers tend to be more responsive and demanding towards girls. Also, according to them, girls might show more sensitivity in the perception of social interactions.

Shame showed a negative correlation only with maternal perception of the indulgent style for adolescents in the Comparison group, which showed that there is no link between parenting styles in this study. It is important to emphasize that, as this is a cross-sectional study, there is no way to assess whether the participants felt shame previously, as experiencing shame in childhood can be a risk factor for later deviant behavior, such as having unprotected sex and using illegal drugs as an adult (Stuewig et al., 2015). It is also noteworthy that experiencing situations of neglect during childhood may present a greater risk of feeling shame (Bennett, Sullivan, & Lewis, 2010), as neglected children reported more tendency to shame than guilt, in addition to more depressive symptoms.

The guilt factor Regret showed a positive correlation with the perception of the authoritative style and a negative correlation with the neglectful style for mother and father in the perception of male adolescents of the Study group. A similar result was found for the Error Recognition factor, which showed a positive correlation for the authoritative style and a negative correlation with the neglectful style for mother and father in the perception of male adolescents in the Study group.

Data from this survey reveal that male adolescents who have committed a transgression and perceive their parents as being of the authoritative style, experience guilt. As a social moral emotion oriented towards the other, experiencing guilt makes the subject recognize the error and seek to promote

the repair of the damage (Julle-Danière, Whitehouse, Vrij, Gustafsson, & Waller, 2020). And regarding the neglectful parenting style, which showed a negative correlation, these adolescents do not recognize when they make a mistake, therefore they do not seek to repair the damage.

Arrogant pride did not show a consistent correlation with any adolescent parenting style, group, or gender, which indicates no significant correlation. Authentic pride, on the other hand, was negatively correlated with neglectful style for adolescents in the Study group and with authoritarian style for adolescents in the Comparison group, for father or mother indistinctly. There was only a positive correlation with the authoritative style of mother and father of the adolescents in the Comparison group. When verifying that authentic pride was positively correlated with authoritative parenting style and negatively correlated with neglectful parenting style, this study corroborates the idea of Kapetanovic and Skoog (2021) who stated that when the family's emotional climate is positive, parenting strategies have a positive effect in the adolescent's psychosocial functioning.

Pride is also understood to be important to influence the development of identity and psychological well-being in adolescence (Randell et al., 2017). For Ho, Tong and Jia (2016) authentic pride facilitates the ability to delay gratification, i.e., the adolescent does not need others to perceive that he has done something fine and approve it.

Neglectful parenting style may be related to unhealthy family functioning. According to, Tolou-Shams et al. (2018) the psychological suffering of parents and family dysfunction can compromise parenting practices. The authors found that greater mental health-related symptoms of parents of adolescents who were responding for transgressive acts were directly correlated with greater family dysfunction and indirectly associated with poorer parental monitoring due to worse family functioning.

The first institution responsible for adolescent socialization is the family. How teenagers perceive their parents' education affects both cognitive and emotional development. Thus, this study aimed to verify the differences among the perceptions of parenting styles and moral emotions in adolescents who are and are not complying with a socio-educational measure of detention.

The results of this study present the demandingness as an important dimension related to the absence of infractions. It is noteworthy that the demandingness is associated with parental behavior control

practices, having well-defined rules and a high level of demandingness. More specifically, when analyzing parenting styles, these findings suggest that authoritative parenting style, i.e., fathers and mothers having good communication, being loving to their children, but also carrying out strict monitoring, can act as an important protective factor against inappropriate behavior and also for healthy emotional development among male adolescents.

This study is cross-sectional and, as such, has as limitation the impossibility of analyzing how adolescents experienced emotions before the offense, since the measure of detention can influence the experiences of emotions. Still, this study found as a limitation the need to know other factors that may be related to criminal acts of female adolescents. Families can play a key role in preventing inappropriate behavior and, to achieve this, public policies must be proposed, always seeking to value the family in a healthy development, as a preventive measure.

Lorena Maria Laskoski is PHD from Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, Brazil.

Maria Nilvane Fernandes is Professor at Universidade Federal do Amazonas, Manaus-AM, Brazil.

Gustavo Manoel Schier Doria is Professor at Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, Brazil

Authors' Contribution:

All authors made substantial contributions this study, from the conception and design, data analysis and interpretation, to the manuscript revision and approval of the final version. All the authors assume public responsibility for content of the manuscript.

Associate editor:

Luciana Mourão Cerqueira e Silva

Received: Apr. 26, 2021

1st Revision: Sep. 01, 2021

2nd Revision: Nov. 01, 2021

Approved: Nov. 08, 2021

How to cite this article:

Laskoski, L. M., Fernandes, M. N., & Doria, G. M. S. (2022). Parenting styles and moral emotions of adolescents in conflict with the law. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 32, e3207. doi:<https://doi.org/10.1590/1982-4327e3207>

Table 1
Parenting styles

	Study group				Comparison group			
	Boys		Girls		Boys		Girls	
	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Neglectful (P)	51	49.0	4	17.4	34	26.4	6	18.8
Neglectful (M)	75	44.1	10	28.6	45	25.1	5	12.8
Indulgent (P)	23	22.1	7	30.4	14	10.9	3	9.4
Indulgent (M)	45	26.5	4	11.4	18	10.1	1	2.6
Authoritarian (P)	2	1.1	2	8.7	26	20.2	10	31.3
Authoritarian (M)	10	5.9	9	25.7	35	19.6	13	33.3
Authoritative (P)	28	26.9	10	43.5	55	42.6	13	40.6
Authoritative (M)	40	23.5	12	34.3	81	45.3	20	51.3
Not answered (P)	79	**	13	**	68	**	13	**
Not answered (M)	13	**	1	**	18	**	6	**

Note. * The percentage presented in the Table 1 is based on valid answers.

Table 2
Correlations of the Regret (Guilt) factor with Parenting styles

	Study group		Comparison group	
	Boys	Girls	Boys	Girls
	<i>r</i>	<i>R</i>	<i>r</i>	<i>r</i>
Authoritarian (M)	.088	-.188	.128	.087
Authoritarian (P)	.033	-.021	.118	.384*
Authoritative (M)	.154*	.038	-.017	.157
Authoritative (P)	.295*	-.231	-.039	-.295
Indulgent (M)	.071	.290	-.163*	-.294
Indulgent (P)	.070	.103	-.118	-.274
Neglectful (M)	-.236**	.062	.016	-.218
Neglectful (P)	-.330**	-.231	.027	.119

Note. * $p < 0.05$; ** $p < 0.001$.

Table 3
Correlation of the Error recognition with Parenting styles

	Study group		Comparison group	
	Boys	Girls	Boys	Girls
	<i>r</i>	<i>r</i>	<i>r</i>	<i>r</i>
Authoritarian (M)	-.029	-.254	.065	-.114
Authoritarian (P)	.136	-.080	.107	.206
Authoritative (M)	.177*	.243	.101	.295
Authoritative (P)	.291**	-.044	.094	.177
Indulgent (M)	.109	.271	-.126	-.394*
Indulgent (P)	.082	.115	-.065	-.566**
Neglectful (M)	-0.235**	.201	-.088	-.093
Neglectful (P)	-.364**	-.023	-.158	-.045

Note. * $p < 0.05$; ** $p < 0.001$.

Table 4
Correlation of the Authentic Pride with Parenting styles

	Study group		Comparison group	
	Boys	Girls	Boys	Girls
	<i>r</i>	<i>R</i>	<i>r</i>	<i>r</i>
Authoritarian (M)	.133	-.190	-.260**	-.191
Authoritarian (P)	.171	-.186	-.228**	.052
Authoritative (M)	.068	.267	.269**	.251
Authoritative (P)	.134	.272	.398**	.116
Indulgent (M)	.185*	.201	.054	-.095
Indulgent (P)	.070	0.031	.008	.064
Neglectful (M)	-.284**	-.238	-.108	-.001
Neglectful (P)	-.224*	-.256	-.245**	-.256

Note. * $p < 0.05$; ** $p < 0.001$.

5 CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

A temática em torno do adolescente em conflito com a lei é tema recorrente em diversas pesquisas, uma vez que há diversos fatores que podem influenciar nesse processo, dificultando apontar uma causa específica. Este estudo buscou analisar alguns fatores que podem interferir na prática do ato infracional: dados socioeconômicos, classe social, nível instrução dos pais, evasão escolar, quantidade de integrantes da família, situação conjugal dos pais, familiares em conflito com a lei, uso de drogas, emoções morais e as possíveis relações dessas com os estilos parentais.

Em relação às emoções morais, este estudo encontrou que os adolescentes do sexo masculino que cometeram atos infracionais experienciaram maiores médias das duas dimensões de orgulho para que os demais adolescentes. Ainda, os adolescentes que cometeram atos infracionais apresentaram maiores médias de Culpa/fator Arrependimento do quando comparados aos adolescentes que não cometeram atos infracionais.

O estudo 1 teve como objetivo analisar as características do adolescente em conflito com a lei no que diz respeito ao perfil, caracterização familiar, bem como a relação com a drogadição comparando com adolescentes não infratores. E encontrou que os pais dos adolescentes em conflito com a lei apresentaram níveis mais baixos de conclusão das etapas da Educação Básica. Os adolescentes que haviam praticados atos infracionais relataram mais familiares que tinham praticado alguma contravenção.

Além disso, os adolescentes que estava cumprindo medida socioeducativa fizeram o primeiro fizeram o uso da primeira substância (drogas ou outras substâncias) mais cedo do que os adolescentes do grupo comparação, além de terem experimentado mais drogas do que os adolescentes não infratores. O manuscrito está em análise na revista Revista Estudos de Psicologia e não pode ser publicizado enquanto não for publicado pela revista.

O estudo 2 teve como objetivo descrever a causas que levaram os adolescentes a abandonarem a escola. Verificou-se que os adolescentes do sexo masculino abandonam a escola entre os sextos e sétimos anos. Já as adolescentes do sexo masculino abandonaram a escola nos anos finais do Ensino Fundamental (oitavos e nonos anos). As causas relatadas apontam que o ato infracional, falta de interesse, uso de drogas, más influências, dentre outros motivos. O manuscrito está em análise na revista Revista Educação Pública UFMT e não pode ser publicizado enquanto não for publicado pela revista.

O estudo 3 teve como objetivo avaliar as diferenças entre a forma que adolescentes em conflito com a lei ou não experienciam as emoções orgulho, vergonha e culpa. Adolescentes (dos dois sexos) em conflito com a lei experienciam maiores níveis de Arrependimento (fator de Culpa) do que adolescentes que não possuem esse histórico. Para as duas dimensões de orgulho

(Autêntico e Arrogante) houve diferença significativa somente para os adolescentes em conflito com a lei do sexo masculino, os quais apresentaram maiores médias. Ainda, verificou que somente as meninas que praticaram atos infracionais apresentaram médias mais altas em Vergonha do que os meninos desse mesmo grupo. O manuscrito está em análise na revista Revista Avances em Psicologia Latinoamericana e não pode ser publicizado enquanto não for publicado pela revista.

Por fim, o estudo 4 buscou verificar as correlações entre emoções morais estilos parentais, verificando as diferenças entre os grupos de adolescentes em conflito com a lei ou não. Este estudo encontrou a exigência como uma dimensão importante relacionada à ausência de atos infracionais. As práticas parentais relacionadas à exigência possuem maiores níveis de controle do comportamento, possuindo regras bem definidas e alto nível de cobrança. Os adolescentes do sexo masculino que estavam cumprindo medida socioeducativa de internação avaliaram, em maior quantidade, que seus pais estavam relacionados ao estilo parental negligente.

Os adolescentes do sexo masculino que haviam praticado atos infracionais apresentaram correlação negativa entre o estilo parental negligente e os dos fatores de Culpa Arrependimento e Reconhecimento do Erro, e Orgulho Autêntico. Já para as meninas do grupo comparação que houve correlação negativa e significativa entre o fator Reconhecimento do Erro e o estilo indulgente.

Entende-se que por ser um estudo transversal, muitas questões ainda não puderam respondidas, tais como: quais as emoções os adolescentes vivenciaram antes do ato infracional e que podem influenciar para na prática de comportamentos inadequados? Existem fatores que influenciam mais um sexo do que outro? Quais fatores que influenciam as adolescentes do sexo feminino a cometerem atos infracionais?

A busca para conhecer os fatores que estão correlacionados à prevenção de atos infracionais pode favorecer a implementação de medidas de promoção de qualidade de vida e de saúde, relacionando às áreas de saúde, segurança pública, assistência social e educação, e também para fortalecer fatores individuais ou minimizar causas ambientais que podem estar vulneráveis.

O papel da escola é primordial no processo de proteção e no desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes. Assim, os profissionais da escola precisam receber formações de qualidade que propiciem conhecimentos que discutam as questões de saúde mental e outros fatores que influenciam negativamente no processo de aquisição do conhecimento. Além disso, é importante que a rede de proteção seja de fato eficiente e eficaz, atuando antes do abandono

escolar acontecer, buscando sempre a prevenção e proteção das famílias que se encontram mais vulneráveis.

Diante do que foi apresentado, há a necessidade de os espaços educativos incluírem a Educação Emocional em seus currículos, e que esse processo seja estendido aos pais de crianças e adolescentes, Destaca-se que este estudo não teve como objetivo responsabilizar/culpabilizar à família do adolescente que cometeu ato infracional, mas sim, conhecer os fatores emocionais e ligados ao microsistema do indivíduo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. F. O.; ALVES, R. S. F.; BASSANI, M. H. P. A. Representações Sociais sobre as Drogas: um estudo com Adolescentes em Conflito com a Lei. **Psicol.cienc.prof.** Brasília, v.38, n. 3, p. 437-449, set. 2018. Disponível em <http://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-989320018000300437&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 de jul. 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-37030000742017>.

ALMEIDA; B. G. M. (2013). Socialização e regras de conduta para adolescentes internados. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, 25(1).

ARAÚJO, M. A. L., FERNANDES, A. A. A., BARROS, V. L., AMORIM, R. F. Aspectos comportamentais e infracionais de mulheres adolescentes privadas de liberdade. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 28, e20180308, 2019. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072019000100395&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 jun. 2020. Epub Dec 09, 2019. <https://doi.org/10.1590/1980-265x-tce-2018-0308>.

ASSIS, S. G., & CONSTATINO, P. (2005). Perspectivas de prevenção da infração juvenil masculina. **Ciências e Saúde Coletiva**, 10(1), 81-95.

BAUMRIND, D. (1967). Child care practices antedating three patterns preschool behavior. **Genetic Psychology Monographs**, 75, 43-88.

BAO, W.; H.A.A.S; A., TAO; L. Impact of Chinese Parenting on Adolescents 'Social Bonding, Affiliation with Delinquent Peers, and Delinquent Behavior. **Asian Criminology**, 12, 81-105 (2017). <https://doi.org/10.1007/s11417-016-9239-0>

BORBA, P. L. O.; LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. Trajetórias escolares de adolescentes em conflito com a lei: subsídios para repensar políticas educacionais. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro , v. 23, n. 89, p. 937-963, Dec. 2015 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362015000400937&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Jan. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362015000400006>.

BRASIL. Lei N° 6.697, de 10 de outubro de 1979. Dispõe sobre o Código de Menores. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil** , Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/16697.htm Acesso em: 6 agost. 2020.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm Acesso em: 6 agost. 2020.

BRANJERDPORN, G, *et al.*, (2019) Sensory sensitivity and its relationship with adult attachment and parenting styles. **PLoS One**. Jan 9;14(1):e0209555. doi: 10.1371/journal.pone.0209555. PMID: 30625166; PMCID: PMC6326416.

CAMPOS, V. M.; RESENDE, G. S. L. A desestruturação familiar e o adolescente em conflito com a lei: pontos e contrapontos. **Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM**, v. 11, p. 365-390, 2016.

CÂNDEA, D. M, A. Shame-proneness, guilt-proneness and anxiety symptoms: A meta-analysis. **J Anxiety Disord**. 2018;58:78-106. doi:10.1016/j.janxdis.2018.07.005

CAUFFMAN, E. *et al.* (2017). Trajectories of Violent Behavior Among Females and Males. *Child Dev*. 2017 Jan;88(1):41-54. doi: 10.1111/cdev.12678. PMID: 28042903; PMCID: PMC6447069.

CHAMBERS; J. POWER, K.; LOUCKS, N.; SWANSON, V. (2001). The interaction of perceived maternal and paternal parenting styles and their relation with the psychological distress and offending characteristics of incarcerated young offenders. **Journal of Adolescence**, 24, 209-227.

COSCIONI, V. *et al.*, Significados do mundo do crime para adolescentes em medida socioeducativa de internação, Brasil. **Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv**, Manizales , v. 17, n. 2, p. 318-338, Dec. 2019 . Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2019000200318&lng=en&nrm=iso>. Access on 31 agos. 2020. <http://dx.doi.org/10.11600/1692715x.17214>.

COSTA, C.R.B.S.F.; ASSIS, S. G. (2006). Fatores protetivos a adolescentes em conflito com a lei no contexto socioeducativo. **Psicologia & Sociedade**, 18(3), 74-81.

DORIA, Gustavo Manoel Schier *et al.* Delinquência e associação com transtornos comportamentais e abuso de substâncias. **Rev. Assoc. Med. Bras.** , São Paulo, v. 61, n. 1, pág. 51-57, fevereiro de 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302015000100015&lng=en&nrm=iso>. acesso em 09 de maio de 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9282.61.01.051>

ELSE-QUEST, N.M. *et al* (2012). Gender differences in self-conscious emotional experience: a meta-analysis. *Psychol Bull*. 2012 Sep;138(5):947-81. doi: 10.1037/a0027930. Epub 2012 Apr 2. PMID: 22468881.

FARIA, A. P. S.; PONCIANO, E. L. T. Conquistas e fracassos: os pais como base segura para a experiência emocional na adolescência. **Pensando fam.**, Porto Alegre , v. 22, n. 1, p. 87-103, jun. 2018 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000100008&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 10 set. 2020.

FRANCISCHINI, R.; CAMPOS, H. R. (2005). Adolescentes em conflito com a lei e medidas socioeducativas: limites e (im)possibilidades. **Psico**, 36(3), 267-273.

GALLO, A. E.; WILLIAMS, L. C. A. (2005). Adolescentes em conflito com a lei: uma revisão dos fatores de risco para a conduta infracional. **Psico: Teoria e Prática**, 2(1), 81-95.

GALLO, A. E.; WILLIAMS, L. C. A. (2008) A escola como fator de proteção à conduta infracional de adolescentes. **Cadernos de Pesquisa**, 38(133), 41-59.

GAULT-SHERMAN M. (2012). It's a two-way street: the bidirectional relationship between parenting and delinquency. *J Youth Adolesc.* 2012 Feb;41(2):121-45. doi: 10.1007/s10964-011-9656-4. Epub 2011 Mar 24. PMID: 21431892.

GERVAIS, C.L.M.; ROMANO, E. (2018). Safeguarding child rights and enhancing caregiver responsibilities among Canadian parents of youth who sexually offend. *Child Abuse Negl.* 2018 Feb;76:502-514. doi: 10.1016/j.chiabu.2017.12.005. Epub 2017 Dec 27. PMID: 29288950.

GOETHALS. K et al. (2008). Behaviour problems in childhood and adolescence in psychotic offenders: an exploratory study. *Crim Behav Ment Health.* 2008;18(3):153-65. doi: 10.1002/cbm.688. PMID: 18618530.

GUERRA, S.; HENRICH, G. (2019). As implicações sociais da prática de atos infracionais e da privação de liberdade em uma instituição total para adolescentes em conflito com a lei. **Serv. Soc. Rev.**, Londrina, v. 21, n.2, p.443-462, jan./jun. 2019

GLENN, A. L. (2019). Early life predictors of callous-unemotional and psychopathic traits. *Infant Ment Health J.* Jan;40(1):39-53. doi: 10.1002/imhj.21757. Epub 2018 Dec 21. PMID: 30576592.

HOEVE, M. et al. (2009). The relationship between parenting and delinquency: a meta-analysis. **J Abnorm Child Psychol.** 2009 Aug;37(6):749-75. doi: 10.1007/s10802-009-9310-8. PMID: 19263213; PMCID: PMC2708328

IVERT, A. et al. An examination of the interaction between morality and self-control in offending: A study of differences between girls and boys. **Crim Behav Ment Health**; 28(3): 282-294, 2018 Jun.

KIRBY, J.N. et al (2019). Human evolution and culture in relationship to shame in the parenting role: Implications for psychology and psychotherapy. *Psychol Psychother.* 2019 Jun;92(2):238-260. doi: 10.1111/papt.12223. Epub 2019 Apr 1. PMID: 30932312.

KELLY, E.L.; NOVACO, R.W.; CAUFFMAN, E. (2019). Anger and depression among incarcerated male youth: Predictors of violent and nonviolent offending during adjustment to incarceration. **J Consult Clin Psychol.** 2019 Aug;87(8):693-705. doi: 10.1037/ccp0000420. Epub 2019 Jun 17. PMID: 31204840; PMCID: PMC6625829.

LAMPROPOULOU, A. (2018). Personality, school, and family: What is their role in adolescents' subjective well-being. **Journal of Adolescence**, 67, 12–21. doi:10.1016/j.adolescence.2018.05.013

LASKOSKI, L. M. (2012). Orgulho, vergonha, culpa, estilos parentais em adolescentes. Dissertação de mestrado não publicada. Programa de pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

LASKOSKI, L. M.; NATIVIDADE, J. C.; HUTZ, C. S. (2013). Development of Instruments to Assess Shame and Guilt in Adolescents: Empirical Differences Between the Constructs . **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 55, p. 171-178, ago. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2013000200171&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 ago. 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-43272355201304>

LEVANTAMENTO ANUAL SINASE 2017. Brasília: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2019.

LUBY, J. et al. (2009). Shame and guilt in preschool depression: evidence for elevations in self-conscious emotions in depression as early as age 3. **J Child Psychol Psychiatry**. 2009 Sep;50(9):1156-66. doi: 10.1111/j.1469-7610.2009.02077.x. Epub 2009 Mar 31. PMID: 19490311; PMCID: PMC3184301.

MACCOBY, E. E.; MARTIN, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. *New York: Wiley*.

MENDES, L. S.; DIAS, M. L. V. Relação entre estilos educativos parentais, confiança interpessoal e vinculação na adolescência. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 19, n. 1, p. 136-143, abr. 2018. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862018000100020&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 set. 2020. <http://dx.doi.org/10.15309/18psd190120>.

MICALIZZI, L. *et al.* (2019). Parental Social Support and Sources of Knowledge Interact to Predict Children's Externalizing Behavior Over Time. *J Youth Adolesc*. 2019 Mar;48(3):484-494. doi: 10.1007/s10964-018-0969-4. Epub 2018 Dec 17. PMID: 30560511; PMCID: PMC6391213.

Ministério Público. (2002) Perfil dos adolescentes infratores do Distrito Federal: 1997 a 2001. Acesso em 06 de jan de 2015. Disponível em <http://www.mpdft.mp.br/portal/pdf/unidades/promotorias/pdij/perfil/PerfilMenorInfrator.pdf>

MÓNACO, E.; SCHOEPS, K.; MONTOYA-CASTILLA, I. (2019). Attachment Styles and Well-Being in Adolescents: How Does Emotional Development Affect This Relationship? **Int J Environ Res Public Health**. 2019 Jul 17;16(14):2554. doi: 10.3390/ijerph16142554. PMID: 31319570; PMCID: PMC6678901.

MORSHED, N. M., et al. (2018). Psychiatric Morbidities among Male Juvenile Offenders: A Cross Sectional Comparison in Bangladesh. *Mymensingh Med J*. Jan;27(1):168-172. PMID: 29459609

MOTA, C. P.; FERREIRA, S. D. (2019). Estilos parentais, competências sociais e o papel mediador da personalidade em adolescentes e jovens adultos. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v.

37, n. 3, p. 269-284, jun. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312019000300002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 jan. 2021. Disponível em <http://dx.doi.org/10.14417/ap.1548>.

MURIS, P.; MEESTERS, C. (2014). Small or big in the eyes of the other: on the developmental psychopathology of self-conscious emotions as shame, guilt, and pride. **Clin Child Fam Psychol Rev.** Mar; 17(1):19-40. doi: 10.1007/s10567-013-0137-z. PMID: 23712881.

MUÑOZ-RIVAS, M.; VERA, M.; POVEDANO-DÍAZ, A. (2019). Parental Style, Dating Violence and Gender. **Int J Environ Res Public Health.** Jul 30;16(15):2722. doi: 10.3390/ijerph16152722. PMID: 31366170; PMCID: PMC6695886

OLIVEIRA, M. B.; ASSIS, S. G. (1999). Os adolescentes infratores do Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, 15 (4), 831-844

ORTH, U.; ROBINS, R.W.; SOTO, C.J. Tracking the trajectory of shame, guilt, and pride across the life span. **J Pers Soc Psychol.** 2010 Dec;99(6):1061-71. doi: 10.1037/a0021342. PMID: 21114354.

PACHECO, J. T. B.; HUTZ, C. S. (2009). Variáveis Familiares Predictoras do Comportamento Anti-Social em Adolescentes Autores de Atos Infracionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 213-219.

POLETO, M.; KOLLER, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*, 25(3), 405-416.

POZZOBON, M.; MAHENDRA, F.; MARIN, A. H. Renomeando o fracasso escolar. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 21, n. 3, p. 387-396, dez. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572017000300387&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 jan. 2021. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539201702131120>.

RYAN, S.M.; JORM, A.F.; LUBMAN, D.I. (2010). Parenting factors associated with reduced adolescent alcohol use: a systematic review of longitudinal studies. *Aust N Z J Psychiatry.* Sep;44(9):774-83. doi: 10.1080/00048674.2010.501759. PMID: 20815663.

RENNIE, C.E.; DOLAN, M.C. The significance of protective factors in the assessment of risk. **Crim Behav Ment Health.** 2010;20(1):8-22. doi:10.1002/cbm.750

SCHOFIELD, P.W. et al. (2019). Traumatic brain injury is highly associated with self-reported childhood trauma within a juvenile offender cohort. *Brain Inj.* 2019;33(4):412-418. doi: 10.1080/02699052.2018.1552020. Epub 2018 Dec 2. PMID: 30501422.

SEHN, A. S.; PORTA, D. D.; SANTOS, S. S. ; DIAS, A. C. G. (2016). Fatores de risco na vida de adolescentes portuguesas em conflito com a lei. **Estud. pesqui. Psicol**, v. 16, n. 2, p. 568-589, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/29309/20681> Acesso em: 24 de jul. 2020.

SILVA, E. M. A. (2017). Regulação emocional na vida diária de adolescentes e seus pais: Ligações à psicopatologia e ao funcionamento ótimo. Tese de Doutorado. Universidade do Minho, Psicologia Aplicada. <http://hdl.handle.net/1822/48717>

SILVA, J. L.; BAZON, M. R. Revisão sistemática de estudos sobre os aspectos escolares relacionados ao cometimento de delitos. *Psicol. rev.* (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 273-292, ago. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682015000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 set. 2020. <http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2015v21n2p273>.

STEWART, A.; LIVINGSTON, M.; DENNISON, S. (2008). Transitions and turning points: examining the links between child maltreatment and juvenile offending. *Child Abuse Negl.* 2008 Jan;32(1):51-66. doi: 10.1016/j.chiabu.2007.04.011. Epub 2007 Dec 20. PMID: 18082884.

SUÁREZ-RELINQUE C, *et al.* Child-To-Parent Violence: Which Parenting Style Is More Protective? A Study with Spanish Adolescents. *Int J Environ Res Public Health.* 2019 Apr 12;16(8):1320. doi: 10.3390/ijerph16081320. PMID: 31013752; PMCID: PMC6517923.

TANGNEY, J. P.; STUEWIG, J.; MASHEK, D. (2007). Moral Emotions and Moral Behavior. *Annual Review of Psychology*, 58, 345-372.

TANGNEY, J. P.; TRACY, J. L. (2011). Self-conscious emotions. In M. Leary, & J. P. Tangney (Eds.), *Handbook of self and identity*. Guilford: New York.

TEIXEIRA, M. A. P., BARDAGI, M. P.; GOMES, W. B. (2004). Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebida na adolescência - Avaliação de responsividade e exigência parental percebidas, *Avaliação Psicológica*, 3(1), 01-12.

TEIXEIRA, M. A. P., OLIVEIRA, A. M.; WOTTRICH, S.H. (2006) Escalas de Práticas Parentais (EPP): Avaliando Dimensões de Práticas Parentais em Relação a Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 433-441.

TRIVEDI-BATEMAN N. The Combined Roles of Moral Emotion and Moral Rules in Explaining Acts of Violence Using a Situational Action Theory Perspective. *Journal of Interpersonal Violence*. June 2019. doi:[10.1177/0886260519852634](https://doi.org/10.1177/0886260519852634)

VAHL P, *et al.*, The unique relation of childhood emotional maltreatment with mental health problems among detained male and female adolescents. *Child Abuse Negl.* 2016 Dec;62:142-150. doi: 10.1016/j.chiabu.2016.10.008. Epub 2016 Nov 11. PMID: 27842265.

VISIOLI, M. M. M. R. Repertório de habilidades sociais e atraso escolar em adolescentes em conflito com a lei. *Est. Inter. Psicol.*, Londrina, v. 9, n. 2, p. 118-140, 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072018000200008&lng=es&nrm=iso>. Acessado em 11 sept. 2020.

VIDING, E.; MCCRORY, E.J. (2018). Understanding the development of psychopathy: progress and challenges. **Psychol Med.** Mar;48(4):566-577. doi: 10.1017/S0033291717002847. Epub 2017 Oct 16. PMID: 29032773.

YAP, M.B.H. et al., (2017). Modifiable parenting factors associated with adolescent alcohol misuse: a systematic review and meta-analysis of longitudinal studies. **Addiction.** Jul;112(7):1142-1162. doi: 10.1111/add.13785. Epub 2017 Mar 20. PMID: 28178373.

WANG, B. et al., (2013). The influence of parental monitoring and parent-adolescent communication on Bahamian adolescent risk involvement: a three-year longitudinal examination. **Soc Sci Med.** 2013 Nov;97:161-9. doi: 10.1016/j.socscimed.2013.08.013. Epub 2013 Sep 2. PMID: 24161101; PMCID: PMC4049067.

WLODARCZYK, O. *et al.*, (2017). Protective mental health factors in children of parents with alcohol and drug use disorders: A systematic review. **PLoS One.** 2017 Jun 13;12(6):e0179140. doi: 10.1371/journal.pone.0179140. PMID: 28609440; PMCID: PMC5469455.

ZAMORA, M. H. Adolescentes em conflito com a lei: um breve exame da produção recente em psicologia. *Polêmica*, revista eletrônica (http://www.polemica.uerj.br/pol24/artigos/lipis_1.pdf) acessado em 25 de setembro de 2012.

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pais ou responsáveis

1. Pesquisadora: Lorena Maria Laskoski

Função: Pedagoga- Especialista: Psicopedagogia- Mestra em Psicologia.

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente

1º Semestre – Ano 2017 – HC – UFPR.

2. LOCAL DA PESQUISA: Cense XXXX / Colégio estadual XXXX

Aos pais ou responsáveis,

Seu(sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa, sob a supervisão de um profissional de saúde, realizada por uma psicopedagoga, agora denominada pesquisadora. Para poder participar, é necessário que você leia este documento com atenção. Ele pode conter palavras que você não entende. Por favor, peça ao responsável pelo estudo para explicar qualquer palavra ou procedimento que você não entenda claramente.

O propósito deste documento é dar a você as informações sobre a pesquisa e, se assinado, dará a sua permissão para que seu(sua) filho(a) participe no estudo. O documento descreve o objetivo, procedimentos, benefícios e eventuais riscos. Você só deve deixar seu(sua) filho(a) participar do estudo se você quiser. Seu(sua) filho(a) pode se recusar a participar ou se retirar deste estudo a qualquer momento.

3. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa será realizada com adolescentes que cometeram algum delito e devido a este delito necessitou ser detido e também com um grupo de adolescentes da mesma idade e que não tenham cometido ato infracional. Notadamente percebe-se o crescimento do número de jovens detidos na população, poucos estudos nesta área existem que apontem a relação da educação familiar com o desenvolvimento moral desses jovens. Este estudo poderá nos ajudar a demonstrar a necessidade de no futuro, prevenir comportamentos não adequados socialmente por jovens, assim como auxiliar pais na educação de seus filhos.

4. PROPÓSITO DO ESTUDO

Este estudo pretende investigar avaliar a relação entre estilos parentais e emoções morais.

5. SELEÇÃO

Participação da pesquisa:

- adolescentes do sexo feminino e adolescentes do sexo masculino que aceitem em participar da pesquisa.
- idade de 12 anos a 19 anos.

Não participação da pesquisa:

- os adolescentes que suas respostas não sejam confiáveis ou as informações dadas por eles não sejam suficientes para análises dos testes.

6. PROCEDIMENTOS QUE SERÃO UTILIZADOS

- A participação de seu/sua filho(a) consistirá em responder questionários e escalas.
- O instrumento abordará questões relacionadas ao relacionamento entre pais e filhos e como o(a) adolescente experiência as emoções morais (vergonha e culpa).

Nenhum dos procedimentos utilizados trará riscos ou desconforto ao examinado.

7. PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA

A participação nesse estudo é voluntária. Você pode decidir que seu(sua) filho(a) não participe do estudo. Uma vez que você decidiu que ele(a) participe do estudo, você pode retirar seu consentimento e participação a qualquer momento. Se você decidir não continuar no estudo e retirar sua participação, não terá qualquer prejuízo. A participação nesse estudo não irá trazer nenhum tipo de benefício financeiro, ou seja, nada será pago a você ou a seu(sua) filho(a).

8. CUSTOS

Não haverá nenhum custo a você relacionado aos procedimentos previstos no estudo.

9. PERMISSÃO PARA REVISÃO DE REGISTROS, CONFIDENCIALIDADE E

ACESSO AOS REGISTROS:

A pesquisadora responsável pelo estudo irá coletar informações sobre o(a) adolescente. Em todos esses registros um código substituirá o nome do(a) adolescente. Todos os dados coletados serão mantidos de forma confidencial. Os dados coletados serão usados para avaliação do estudo, membros das Autoridades de Saúde ou do Comitê de Ética, podem revisar os dados fornecidos. Os dados também podem ser usados em publicações científicas sobre o assunto pesquisado.

Porém a identidade do(a) adolescente não será revelada em qualquer circunstância. Você tem direito de acesso aos dados. Você pode discutir esta questão mais adiante com o médico do estudo.

10. CONTATO PARA PERGUNTAS

Se você ou seus parentes tiver(em) alguma dúvida com relação ao estudo, direitos do(a) adolescente, ou no caso de danos relacionados ao estudo, você deve contatar a pesquisadora do estudo (lorelaskoski@gmail.com ou 3340-8447). Se você tiver dúvidas sobre os direitos como um voluntário de pesquisa, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, pelo telefone: 3360-1896. O CEP trata-se de um grupo de indivíduos com conhecimentos científicos e não científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu li e discuti o presente documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar, e que eu posso interromper participação do(a) meu(minha)filho(a) a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito.

Eu entendi a informação apresentada neste termo de consentimento. Eu recebi uma cópia assinada e datada deste Documento de Consentimento Informado.

(cidade), _____ (dia) _____ de _____ (mês) de 201_.

Concordo que meu(minha) filho(a) _____
_____ participe da pesquisa acima descrita.

Assinatura do (a) responsável

Apêndice B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para o(a) adolescente

O assentimento significa que você concorda em fazer parte de um grupo de adolescentes, da sua faixa de idade, para participar de uma pesquisa. Serão respeitados seus direitos e você receberá todas as informações por mais simples que possam parecer. Pode ser que este documento denominado TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO contenha palavras que você não entenda. Por favor, peça a responsável pela pesquisa para explicar qualquer palavra ou informação que você não entenda claramente.

Estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo avaliar a relação entre estilos parentais, atos infracionais e emoções morais. A sua participação consistirá em responder questionários e escalas. O instrumento abordará questões relacionadas à maneira que você percebe a educação dos seus pais. O pesquisador responsável pelo estudo é o Professor Doutor Gustavo Doria e a coleta de dados será realizada pela doutoranda Lorena Maria Laskoski.

Serão tomados todos os cuidados para garantir sigilo e confidencialidade dos dados. As informações obtidas através dos questionários e escalas serão analisadas para que se possa entender melhor o relacionamento entre pais e filhos. A coleta de dados será realizada na escola. O tempo de preenchimento dos instrumentos é estimado em torno de 25 minutos.

A sua participação é voluntária, portanto você não será pago. Caso você opte por não participar, não terá nenhum prejuízo ou represálias.

Eu _____ (preencher nome completo) fui informado (a) dos objetivos e da justificativa desta pesquisa de forma clara e detalhada. Ao assinar este Termo, dou meu assentimento livre e esclarecido, concordando em participar deste estudo.

(cidade), _____ (dia) _____ de _____ (mês) de 201__.

Assinatura

Apêndice C - Questionário Sociodemográfico

Abaixo solicitamos que você responda algumas perguntas sobre a sua vida e sobre o que você pensa sobre alguns assuntos. Por favor, responda de forma honesta e com sinceridade. Não buscamos respostas certas ou erradas, mas sim a sua opinião verdadeira.

Iniciais do nome: _____ Idade: _____ Sexo: M () F ()

Cor: Branca () Negro () Parda () Amarela () Outra _____

Renda mensal da família: _____

Está cursando qual série? _____

Você já cometeu algum ato infracional? _____ **(Somente para os adolescentes não infratores)**

Qual a última série que cursou antes de vir para o Cense? _____ **(Somente para os adolescentes infratores)**

Qual a idade que você estava com frequentava a escola, antes de vir para o Cense? _____ **(Somente para os adolescentes infratores)**

Trabalha/trabalhou em: _____

Reside(ia) com: Pais () Mãe () Pai () Padrasto () Madrasta () Outro _____

Situação conjugal dos pais: Casados () Separados () Pai/mãe desconhecido ()

Número de irmãos _____ Filhos dos mesmos pais: Sim () Não ()

Grau de instrução: Pai _____ Mãe _____

Profissão do pai: _____

Profissão da mãe: _____

Tem algum caso na família com problema com a lei:

() Não () Sim. Quem? _____

Já experimentou, usou ou usa alguma das seguintes drogas? Coloque ao lado a idade que experimentou pela primeira vez () cigarro _____ anos () álcool _____ anos

() maconha _____ anos () crack _____ anos () ecstasy _____ anos () cola _____ anos () cocaína _____ anos () cocaína _____ anos () solvente/tinner _____ anos () Outra(s).

Qual(is) _____ idade _____

Segue alguma religião? () Não () Sim. Qual?

() Católico () Evangélico () Metodista () Espírita () Judeu ()

Nenhuma () Outra. Qual? _____

5-Frequenta(va) a Igreja/culto/templo quantas vezes por mês:

() Não frequento(ava) () 1 vez por mês () 2 vezes por mês () 3 vezes por mês
 () 4 vezes por mês () 5 vezes ou mais por mês

Anexo A- Escala de Responsividade e Exigência Parental

Abaixo há uma série de frases sobre atitudes de pais e mães. Para cada uma delas marque, à direita, a resposta que melhor se aproxima à sua opinião de acordo com a chave de respostas abaixo. Você pode usar os números 0, 1, 2, 3 e 4 dependendo da frequência ou intensidade com que ocorrem as situações descritas nas frases (quanto maior o número, mais frequente ou intensa é a situação). Não esqueça que você pode usar os números intermediários (1, 2 e 3) para expressar níveis intermediários de frequência ou intensidade das situações, e não apenas as opções extremas representadas pelos números 0 e 4. Assinale apenas uma resposta por frase, e não deixe nenhum item sem resposta.

Chave de respostas: quase nunca ou bem pouco = 0 - 1 - 2 - 3 - 4 = geralmente ou bastante.

<i>A respeito de seus pais considere as seguintes frases:</i>	<i>MÃE</i>	<i>PAI</i>
1. Sabe aonde vou quando saio de casa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
2. Controla as minhas notas no colégio.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
3. Exige que eu vá bem na escola.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
4. Impõe limites para as minhas saídas de casa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
5. Me cobra quando eu faço algo errado.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
6. Tem a última palavra quando discordamos sobre um assunto importante a meu respeito.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
7. Controla os horários de quando eu estou em casa e na rua.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
8. Faz valer as suas opiniões sem muita discussão.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
9. Exige que eu colabore nas tarefas de casa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
10. Me cobra que eu seja organizado(a) com as minhas coisas.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
11. É firme quando me impõe alguma coisa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
12. Me pune de algum modo se desobedeço uma orientação sua.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
13. Posso contar com a sua ajuda caso eu tenha algum tipo de problema.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
14. Me incentiva que eu tenha minhas próprias opiniões sobre	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4

as coisas.		
15. Encontra um tempo para estar comigo e fazermos juntos algo agradável.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
16. Me explica os motivos quando me pede para eu fazer alguma coisa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
17. Me encoraja para que eu melhore se não for bem na escola.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
18. Me incentiva a dar o melhor de mim em qualquer coisa que eu faço.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
19. Se interessa em saber como eu ando me sentindo.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
20. Ouve o que eu tenho para dizer mesmo quando não concorda.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
21. Demonstra carinho para comigo.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
22. Me dá força quando eu enfrento alguma dificuldade ou decepção.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
23. Mostra interesse pelas coisas que eu faço.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
24. Esta atenta(o) às minhas necessidades mesmo que eu não digo nada.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4

Anexo B- Escala de Vergonha

Abaixo você encontrará frases. Assinale na escala o quanto você concorda ou discorda com cada uma delas. A escala varia de 1 (**Nunca**) a 5 (**Sempre**). Não há respostas certas ou erradas. O importante é você responder com sinceridade como se sente com relação a cada uma das frases. Não esqueça que você pode usar os números intermediários (2, 3 e 4) para expressar níveis intermediários de frequência ou intensidade das situações, e não apenas as opções extremas representadas pelos números 1 e 5.

1. Eu me sinto mal por alguma ação que cometi e outras pessoas viram ou ficaram sabendo.

Nunca | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | Sempre

2. Tenho receio do que os outros podem dizer ou pensar de mim.

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

3. Tenho medo de ser desaprovado por minhas atitudes.

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

4. Às vezes eu me sinto impedido de fazer algo por medo de ser julgado.

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

5. Eu me sinto inferior às outras pessoas.

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

6. Algumas vezes deixo de fazer algo que gostaria, por medo do que os outros vão falar ou pensar.

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

7. Tenho medo de ser desaprovado pelo que sou.

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

8. Eu me sinto inseguro quando outras pessoas prestam atenção em mim.

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

Anexo C - Escala de Culpa

Abaixo você encontrará frases. Assinale na escala o quanto você concorda ou discorda com cada uma delas. A escala varia de 1 (**Nunca**) a 5 (**Sempre**). Não há respostas certas ou erradas. O importante é você responder com sinceridade como se sente com relação a cada uma das frases. Não esqueça que você pode usar os números intermediários (2, 3 e 4) para expressar níveis intermediários de frequência ou intensidade das situações, e não apenas as opções extremas representadas pelos números 1 e 5.

1. Eu me arrependo por ter tomado algumas atitudes.

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

2. Eu me sinto mal por ter feito algo mesmo sabendo que não era a coisa certa a ser feita.

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

3. Quando eu me sinto culpado por ter prejudicado alguém tento reparar o dano.

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

4. Eu me sinto mal após ter feito algo errado.

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

5. Eu me sinto mal quando tenho vontade de fazer algo que sei que não é o certo.

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

6. Gostaria de não ter feito algumas coisas que fiz.

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

7. Eu me sinto mal quando sei que deveria ter feito algo, mas não o fiz.

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

8. Sinto remorso por ter feito algo que não deveria.

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

9. Às vezes eu me sinto culpado quando tenho vontade de fazer alguma coisa ruim.

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

10. Eu me sinto culpado por ter feito coisas que ninguém sabe que fiz.

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

11. Sinto culpa por algo que não fiz e sei que deveria ter feito.

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre.

Anexo D - Escala de orgulho

Abaixo você encontrará frases. Assinale na escala o quanto você concorda ou discorda com cada uma delas. A escala varia de 1 (Nunca) a 5 (Sempre). Não há respostas certas ou erradas. O importante é você responder com sinceridade como se sente com relação a cada uma das frases. Não esqueça que você pode usar os números intermediários (2, 3 e 4) para expressar níveis intermediários de frequência ou intensidade das situações, e não apenas as opções extremas representadas pelos números 1 e 5.

1- Costumo ser capaz de reconhecer as minhas realizações.

Nunca | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | Sempre

2- Admiro as coisas que faço.

Nunca | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | Sempre

3- Não gosto de admitir quando erro.

Nunca | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | Sempre

4- Costumo ser capaz de reconhecer as minhas qualidades.

Nunca | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | Sempre

Anexo E - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - SETOR DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ESTILOS PARENTAIS E ATOS INFRACIONAIS EM ADOLESCENTES

Pesquisador: Lorena Maria Laskoski

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 48345115.7.0000.0102

Instituição Proponente: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO E DOUTORADO EM SAÚDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.380.618

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa procedente do Programa de Pós-Graduação Mestrado e

Doutorado em Saúde da Criança e do Adolescente, de autoria de Lorena Maria Laskoski, sob a orientação do prof. Dr. Gustavo Manoel Schier Doria. Estão previstos dois coparticipantes: Secretaria de Estado da Educação e Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos. A pesquisa será dividida em dois estudos, a saber:

Estudo 1: Observacional, analítico, transversal

Local: Centros de Socioeducação e Instituições de Ensino da rede pública de Curitiba e Região Metropolitana.

Período do estudo: 2016 a 2019.

Período da coleta de dados: primeiro e segundo semestre de 2016 e primeiro semestre de 2017.

População do estudo

- 250 adolescentes do sexo masculino e 100 adolescentes do sexo feminino que estejam cumprindo medida socioeducativa de internamento nos Censes: Joana Richa, Curitiba, São Francisco e Fazenda Rio Grande.

- 250 adolescentes do sexo masculino e 100 adolescentes do sexo feminino estudantes do ensino médio de escolas públicas de Curitiba e região metropolitana.

Amostra e técnicas de amostragem: A amostra será escolhida por conveniência, ou seja, todos os

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo

Bairro: Alto da Glória

UF: PR

Telefone: (41)3360-7259

CEP: 80.060-240

Município: CURITIBA

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - SETOR DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -



Continuação do Parecer: 1.380.618

participantes que aceitarem participar do estudo irão responder a pesquisa, até que o número estipulado seja alcançado.

Estudo 2:

Qualitativo, estudo de caso comparado.

Local e período do Estudo 2:

Centros de Socioeducação da rede pública de Curitiba e Região Metropolitana.

Período da coleta de dados: primeiro semestre de 2017.

População do estudo

• 40 famílias de adolescentes do sexo masculino e 10 famílias adolescentes do sexo feminino que estejam cumprindo medida socioeducativa de internamento nos Censes: Joana Richa, Curitiba, São Francisco e Fazenda Rio Grande.

Amostra e técnicas de amostragem: A amostra será escolhida por conveniência, ou seja, todas as famílias dos adolescentes infratores que aceitarem participar do estudo irão responder a pesquisa, até que o número estipulado seja alcançado.

Local: Censes: Joana Richa, Curitiba, São Francisco e Fazenda Rio Grande e Escolas públicas de Curitiba e região metropolitana.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral

Verificar relações entre estilos parentais (percebidos), emoções morais e atos infracionais cometidos por adolescentes em conflito com a lei.

Objetivos específicos

- Verificar as associações entre emoções morais e estilos parentais percebidos;
- Verificar as possíveis diferenças entre Estilos Parentais, emoções morais de adolescentes infratores e não infratores.
- Caracterizar os fatores de risco e de proteção que estiveram presentes durante o desenvolvimento dos adolescentes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com a autora, alguns riscos relacionados ao estudo podem surgir ao lembrar-se de

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo
Bairro: Alto da Glória **CEP:** 80.060-240
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3360-7259 **E-mail:** cometica.saude@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - SETOR DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -



Continuação do Parecer: 1.380.618

situação não agradáveis ou se sentir constrangido ao relatar algum fato. Além disso, os possíveis riscos, por meio dos questionários, como constrangimento, serão amenizados pela não identificação dos indivíduos que responderão os mesmos, uma vez que se solicita somente as iniciais dos nomes.

Os benefícios esperados com essa pesquisa, ainda de acordo com a pesquisadora, estão relacionados a prevenção de comportamentos não adequados socialmente por jovens, assim como auxiliar pais na educação de seus filhos. A pesquisadora afirma ainda que os

resultados da pesquisa poderão ajudar na formulação de Políticas Públicas relacionadas às áreas de Saúde da Criança e do Adolescente e também da Educação.

Como benefício direto para os adolescentes (infratores e não infratores) será transmitido o filme: "Um sonho possível", dentro das possibilidades indicadas pelas direções das instituições. Esse filme, baseado em uma história real, trabalha a questão das potencialidades de cada um, apesar das diversidades que vivemos. A partir do filme, a pesquisadora e doutoranda poderá trabalhar questões como valores e sonhos com os adolescentes, ajudando-os a construir projetos futuros.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Participarão do estudo adolescentes que cometeram ato infracionais e adolescentes que não cometeram, com idade variando de 13 a 18 anos incompletos, e pais/mães/responsáveis por adolescentes

Estudo 1 adolescentes infratores

Estudo 1 adolescentes não infratores

Estudo 2 - pais/mães/responsáveis por adolescentes

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Para solicitar o Termo de Consentimento aos pais dos adolescentes infratores, a pesquisadora irá acompanhar as visitas dos progenitores, explicar sobre o objetivo da pesquisa e entregar o documento, TCLE_Estudo

Para os casos em que os pais residam em outro município e não realizem periodicamente a visita a seus filhos e/ou então, nos casos em que tenha acontecido o abandono da família para com esses adolescentes, foi solicitado, via ofício encaminhado ao Judiciário da Vara de Adolescentes em conflito com a lei, a dispensa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Judiciário concedeu

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo

Bairro: Alto da Glória

CEP: 80.060-240

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3380-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - SETOR DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -



Continuação do Parecer: 1.380.618

autorização.

Recomendações:

Assegurar-se que o atendimento no CENEP de fato pode ser realizado uma vez que não é claro como será o deslocamento.

Rever palavras unidas no TCLE estudo 1 item b

Esclarecer o tempo de duração da pesquisa pois no cronograma está referido como fevereiro de 2016 a dezembro de 2017.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado.

- É obrigatório retirar na secretaria do CEP/SD uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com carimbo onde constará data de aprovação por este CEP/SD, sendo este modelo reproduzido para aplicar junto ao participante da pesquisa.

O TCLE deverá conter duas vias, uma ficará com o pesquisador e uma cópia ficará com o participante da pesquisa (Carta Circular nº. 003/2011CONEP/CNS).

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_567858.pdf	24/11/2015 15:22:34		Aceito
Outros	judi.pdf	24/11/2015 15:21:56	Lorena Maria Laskoski	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Assentimento_Livre_e_Esclarecido_corrigido_28_10.docx	24/11/2015 15:20:21	Lorena Maria Laskoski	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudo_1_corrigido_28_10.docx	24/11/2015 15:19:52	Lorena Maria Laskoski	Aceito
Recurso Anexado	resposta_parecer_3_CEP.docx	24/11/2015	Lorena Maria	Aceito

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo
Bairro: Alto da Glória **CEP:** 80.060-240
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3360-7259 **E-mail:** cometica.saude@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - SETOR DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -



Continuação do Parecer: 1.380.618

pelo Pesquisador	resposta_parecer_3_CEP.docx	15:19:09	Laskoski	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Dec_cenep.pdf	24/11/2015 15:16:13	Lorena Maria Laskoski	Aceito
Brochura Pesquisa	projeto_CEP_corrigido_28_10.doc	24/11/2015 15:15:08	Lorena Maria Laskoski	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_CEP_corrigido_24_09.doc	25/09/2015 12:17:30	Lorena Maria Laskoski	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudo_1_corrigido_24_09.docx	25/09/2015 12:17:11	Lorena Maria Laskoski	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudo_2_corrigido_24_09.docx	25/09/2015 12:16:53	Lorena Maria Laskoski	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Assentimento_Livre_e_Esclarcido_corrigido_24_09.docx	25/09/2015 12:16:34	Lorena Maria Laskoski	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	dec_cenep_papel_timbrado.pdf	25/09/2015 10:57:28	Lorena Maria Laskoski	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostocep.pdf	04/09/2015 10:41:48	Lorena Maria Laskoski	Aceito
Outros	declara_cenep.pdf	04/09/2015 10:39:55	Lorena Maria Laskoski	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_1200572_respondido.docx	04/09/2015 10:38:43	Lorena Maria Laskoski	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_CEP_revisado.doc	04/09/2015 10:38:11	Lorena Maria Laskoski	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudo_1_revisado.docx	04/09/2015 10:36:41	Lorena Maria Laskoski	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudo_2_revisado.docx	04/09/2015 10:36:27	Lorena Maria Laskoski	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Assentimento_Livre_e_Esclarcido_revisado.docx	04/09/2015 10:36:11	Lorena Maria Laskoski	Aceito
Outros	check list projeto e documentos.pdf	17/08/2015 16:41:47		Aceito

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo

Bairro: Alto da Glória

CEP: 80.060-240

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - SETOR DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -



Continuação do Parecer: 1.380.618

Outros	dispensa.pdf	17/08/2015 16:39:43		Aceito
Outros	compromisso.pdf	17/08/2015 16:39:09		Aceito
Outros	uso especifico de material.pdf	17/08/2015 16:38:07		Aceito
Outros	tornar público.pdf	17/08/2015 16:35:59		Aceito
Outros	confidencialidade.pdf	17/08/2015 16:33:02		Aceito
Outros	declaração_orientador.pdf	17/08/2015 16:32:16		Aceito
Outros	encaminhamento.pdf	17/08/2015 16:31:28		Aceito
Outros	carta de análise de mérito (1).pdf	17/08/2015 14:26:41		Aceito
Outros	encaminhamento_e_ata de aprovação.pdf	17/08/2015 14:25:26		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_CEP.doc	17/08/2015 13:51:30		Aceito
Outros	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.docx	17/08/2015 11:07:43		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudo 2.docx	17/08/2015 11:07:11		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudo 1.docx	17/08/2015 11:07:01		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorização_instituição_coparticipante_s eed.pdf	12/08/2015 19:16:53		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorização_instituição_coparticipante_s eju.pdf	12/08/2015 19:16:44		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo

Bairro: Alto da Glória

CEP: 80.060-240

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - SETOR DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -



Continuação do Parecer: 1.380.618

CURITIBA, 23 de Dezembro de 2015

Assinado por:
IDA CRISTINA GUBERT
(Coordenador)

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo
Bairro: Alto da Glória **CEP:** 80.060-240
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3360-7259 **E-mail:** cometica.saude@ufpr.br

Anexo F - Parecer Secretaria de Estado de Educação

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO



Ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFPR

Declaramos que nós da Superintendência de Educação da Secretaria de Estado de Educação, estamos de acordo com a condução do projeto de pesquisa **Estilos Parentais e Atos Infracionais em Adolescentes** sob a responsabilidade da doutoranda **Lorena Maria Laskoski**, nas nossas Instituições de Ensino de Curitiba e Região Metropolitana, a ser designadas posteriormente, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPR, até o seu final em 2019.

Estamos cientes que os participantes da pesquisa serão estudantes do Ensino Médio, bem como de que o presente trabalho deve seguir a Resolução 466/2012 (CNS) e complementares.

Outrossim, informamos que, uma vez cientes do parecer exarado pelo Comitê de Ética, emitiremos outro documento em conformidade com as exigências da CONEP, autorizando a execução do projeto em tela.

Sendo o que se nos apresenta para o momento, enviamos nossas cordiais saudações.

Curitiba, 07 de Agosto de 2015.

Fabiana Cristina Campo
Superintendente da Educação

Fabiana Cristina Campos
Superintendente da Educação
Decreto 1473/2015

Anexo G - Parecer Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos

Secretaria de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos
Humanos
Departamento de Atendimento Socioeducativo



Ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFPR

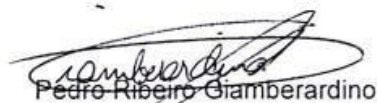
Declaramos que nós do Departamento de Atendimento Socioeducativo da Secretaria de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, estamos de acordo com a condução do projeto de pesquisa **Estilos Parentais e Atos Infracionais em Adolescentes** sob a responsabilidade da doutoranda **Lorena Maria Laskoski**, nas nossas Instituições de Socioeducação: Curitiba, Joana Miguel Richa, São Francisco e Fazenda Rio Grande, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPR, até o seu final em 2019.

Estamos cientes que os participantes da pesquisa serão adolescentes, bem como de que o presente trabalho deve seguir a Resolução 466/2012 (CNS) e complementares.

Outrossim, informamos que, uma vez cientes do parecer exarado pelo Comitê de Ética, emitiremos outro documento em conformidade com as exigências da CONEP, autorizando a execução do projeto em tela.

Sendo o que se nos apresenta para o momento, enviamos nossas cordiais saudações.

Curitiba, 31 de Julho de 2015.



Pedro Ribeiro Giamberardino

Diretor do Departamento de Atendimento Socioeducativo

Produção Acadêmica 1



Produção Acadêmica 2



Produção Acadêmica 3



Como adolescentes que cometeram atos infracionais experienciam vergonha e culpa? Qual a relação dessas emoções com a autoestima?

Lorena Maria Laskoski (Governo do Estado do Paraná/ Secretaria de Educação); Jacqueline Glaser (HC/UFPR); Gustavo Manoel Schier Doria (UFPR)

A autoestima é a avaliação que a pessoa faz de si mesmo, sendo estável ao longo do tempo e em diferentes contextos na vida adulta (Hutz & Zanon, 2011). Já culpa e vergonha são denominadas emoções morais, pois influenciam as atitudes das pessoas. A vergonha se refere a uma avaliação sobre si mesmo, principalmente, as

209

autoavaliações negativas relacionadas a preocupações com o que os outros pensam (Tangney, Stuewig & Mashek, 2007). Já a culpa há, frequentemente, a revelação de uma preocupação com uma transgressão específica e o desejo de que isso nunca tivesse ocorrido (Costa, 2008; Tangney & Tracy, 2011).

Método

Participaram destes estudos 40 adolescentes não infratores (grupo 1) e 60 que estavam cumprindo medida socioeducativa de internação (grupo 2). A idade variou de 16 a 18 anos, sendo todos do sexo masculino. A coleta de dados (questionário socioeducativo e as escalas de Autoestima (Hutz & Zanon, 2011), Vergonha (Laskoski, Natividade, & Hutz, 2011) e de Culpa (Laskoski, et al. 2011) ocorreu nas escolas e Centros de Socioeducação. Foram calculadas as médias e aplicado o teste Sperman para verificar a diferença atitudinal entre os dois grupos. A Escala de Autoestima possui 10 itens com a finalidade de avaliar tal constructo. A Escala de Culpa possui dois fatores, denominados de Reconhecimento do Erro e Arrependimento. A Escala de Vergonha possui um único fator.

Resultados

Observou-se correlação significativa para os respondentes do grupo 2 entre Autoestima e Culpa quanto ao fator Reconhecimento do Erro da Escala de Culpa ($p=0,02$). Esse mesmo resultado não foi significativo no grupo de adolescentes que não estava cumprindo medida socioeducativa. Em relação a Vergonha e Autoestima, as análises demonstraram que para o grupo de adolescentes que não haviam praticado ato infracional, houve correlação negativa e significativa entre os dois constructos. Tal resultado não foi encontrado em adolescentes do grupo 2.

Considerações finais

Em relação a autoestima, os dados apontam que quanto maior os níveis de autoestima, menores os de vergonha (ou vice-versa), mas somente para adolescentes não infratores. É importante ressaltar que a Escala de Vergonha avalia o sentimento de constrangimento diante de situações em que há a possibilidade de julgamento por outros. Em relação à Culpa e Autoestima, houve correlação positiva para o grupo de adolescentes em conflito com a lei, e tal resultado pode ser explicado que, quando o adolescente experiencia o Reconhecimento de um Erro, ele consegue fazer uma avaliação positiva de si mesmo.

